CPAD

3 Jó a Cantares de Salomão

Comentário Bíblico Beacon

Milo L. Chapman
W. T. Purkiser
Earl C. Wolf
A. F. Harper

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

O Livro de

ECLESIASTES

ou O PREGADOR

A. F. Harper

Introdução

A. Nome

No versículo inicial de Eclesiastes, o autor se identifica como "pregador" (*qoheleth*). A palavra vem de uma raiz que significa "reunir", e, assim, provavelmente indica alguém que reúne uma assembléia para ouvi-lo falar, portanto, um orador ou pregador. A Septuaginta usou o termo grego *Ecclesiastes,* que as traduções em inglês e português transpuseram como o nome do livro. O termo designa "um membro da *ecclesia*, a assembléia dos cidadãos na Grécia". Já no início da era cristã, *ecclesia* era o termo usado para se referir à Igreja.

B. Autoria

Quem era *Qoheleth*? A linguagem de 1.1 e a descrição do capítulo 2 parecem indicar o rei Salomão. A autoria salomônica foi aceita tanto pela tradição judaica como pela tradição cristã até épocas relativamente recentes. Martinho Lutero parece ter sido o primeiro a negar isso, e provavelmente a maioria dos estudiosos da Bíblia concordaria com ele. Purkiser escreveu:

> No primeiro versículo, o livro é atribuído ao "filho de Davi, rei em Jerusalém" [...] Entretanto, em 1.12 diz: "Eu, o pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém". Claramente, nunca houve época alguma na vida de Salomão em que ele pudesse se referir ao seu reino no pretérito. Em 2.4-11 também são descritos os feitos do reinado de Salomão como algo que já era passado no tempo em que foi escrito.
>
> Novamente, em 1.16 o autor diz: "e sobrepujei em sabedoria a todos os que houve antes de mim, em Jerusalém". O mesmo pensamento se repete em 2.7. No caso de Salomão, apenas Davi precedeu Salomão como rei em Jerusalém. Mais uma vez devemos lembrar que os judeus usavam o termo "filho" para qualquer descendente; assim, Jesus também é descrito como o "filho de Davi".[1]

Entre os estudiosos mais recentes e conservadores, Young escreve: "O autor do livro foi alguém que viveu no período pós-exílico e colocou suas palavras na boca de Salomão, assim empregando um artifício literário para transmitir sua mensagem".[2] Hendry considera a autoria não-salomônica uma questão tão fechada que ele não a discute em sua introdução.[3] Aqueles que rejeitam a Salomão como o autor normalmente datam o livro entre 400 e 200 a.C., alguns ainda mais tarde.

O argumento aparentemente mais forte contra a autoria salomônica é a presença de palavras aramaicas no texto que não parecem ter sido usadas no tempo de Salomão. Archer, entretanto, argumenta contra a validade dessa evidência, declarando que "o livro de Eclesiastes não se encaixa em nenhum período na história da língua hebraica [...] não existe no momento nenhum fundamento concreto para datar esse livro com base em aspectos lingüísticos (embora não seja mais estranho ao hebraico do século X do que é para o hebraico do século V ou do século II)."[4]

Se Salomão não é o autor, precisamos no mínimo dizer que muito do livro reflete sua vida e suas experiências.

C. Interpretação

Como devemos interpretar a mensagem deste livro? O leitor logo fica impressionado por pontos de vista evidentemente contraditórios. Uma teoria persistente defende que o livro é um diálogo com perspectivas contraditórias apresentadas por personagens diferentes. Se este ponto de vista for aceito, a expressão freqüentemente repetida "vaidade de vaidades" seria o veredicto do autor num panorama que se restringe apenas ao mundo presente. Outra abordagem favorita tem sido associar a perspectiva consistentemente pessimista ao autor inicial e explicar pontos de vista contraditórios como inserções de autores posteriores que tentaram corrigir afirmações exageradas com o propósito de tornar o livro mais coerente com os ensinamentos religiosos em vigor na época.

O livro de fato apresenta oscilações entre confiança e pessimismo. Mas elas não precisam nos instigar a abandonar a convicção na unidade e integridade de Eclesiastes. Tais oscilações não seriam uma conseqüência natural da luta entre a fé, por um lado, e os interesses pelos assuntos mundanos, por outro, tanto no coração do próprio Salomão como na vida centrada na terra que o livro retrata? Barton escreve: "Quando um homem contemporâneo percebe quantos conceitos diferentes e estados de humor ele pode ter, descobre menos autores em um livro como *Qoheleth*".[5]

Se este livro representa a luta de uma alma com dúvidas sombrias, também revela o comportamento de um homem que notou o lado positivo das coisas. Apesar de sua atitude pessimista, a vida é tão preciosa quanto um "copo de ouro" (12.6), e a resposta final ao sentido da vida é: "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos" (12.13).

D. Organização

Eclesiastes não é um livro racional ou organizado de maneira lógica. É como um diário no qual um homem registrou suas impressões de tempos em tempos. Muitas vezes ele prefere expressar sentimentos do momento e reações emocionais a apresentar uma filosofia equilibrada sobre a vida. Geralmente o estado de espírito é de ceticismo, mas ainda assim Peterson escreve: "Teria sido uma desgraça e uma grande pena se um livro que foi escrito para ser a Bíblia de todos os homens não se referisse ou deixasse de lidar com o espírito de ceticismo que é comum a todos os homens".[6]

A estrutura do livro faz dele um livro tão difícil de esboçar que muitos comentaristas nem tentam identificar um padrão lógico. No esboço aqui apresentado, o autor foi influenciado por Archer[7] mais do que por qualquer outro autor. Às vezes o leitor cuidadoso irá perceber que um destaque aponta para um pensamento significativo daquela seção mais do que para um resumo de tudo que está ali.

Embora ocasionalmente os parágrafos estejam relacionados apenas vagamente entre si, todos eles estão relacionados ao tema do livro — talvez isso só seja verdade porque esse tema é tão amplo quanto a própria vida!

Esboço

I. A Busca pelo Sentido da Vida, 1.1—2.26

A. Introdução, 1.1-11
B. A Futilidade das Experiências Humanas, 1.12—2.26

II. Aprendendo a Lidar com a Vida, 3.1—5.20

A. Poema de um Mundo Bem Ordenado, 3.1-8
B. Frustração e Fé, 3.9-15
C. O Problema do Mal Moral, 3.16-22
D. As Desilusões da Vida, 4.1-16
E. Adorando a Deus da Maneira Correta, 5.1-7
F. Ajustando Problemas Financeiros, 5.8-20

III. Não Há Satisfação em Bens Terrenos, 6.1—8.17

A. Frustrações da Riqueza e da Família, 6.1-12
B. Sabedoria Prática em um Mundo Pecaminoso, 7.1-29
C. Aprendendo a Lidar com um Mundo Imperfeito, 8.1-17

IV. As Injustiças da Vida nas Mãos de Deus, 9.1—10.20

A. Pensamentos a Respeito da Morte, 9.1-18
B. Sabedoria e Tolice, 10.1-20

V. Como Melhor Investir na Vida, 11.1-8

A. Seja Generoso, 11.1-3
B. Seja Diligente no Trabalho, 11.4-6
C. Seja Alegre, 11.7-8

VI. Vendo a Vida por Completo, 11.9—12.14

A. A Vida Terrena em Perspectiva, 11.9—12.8
B. A Vida à Luz da Eternidade, 12.9-14

SEÇÃO I

A BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA

Eclesiastes 1.1—2.26

A. INTRODUÇÃO, 1.1-11

1. *Título do Livro* (1.1)

Neste versículo inicial o escritor nos dá o título do livro. Ele o chama de **As palavras do Pregador.** O termo hebraico é *qoheleth*, vem de *kahal* e significa aquele que agrega ou ajunta uma congregação. A Septuaginta[5] traduziu a palavra por *Ecclesiastes*, que veio para a Bíblia inglesa como o nome do livro e de forma muito semelhante (Eclesiastes) para a nossa Bíblia portuguesa. A tradução deriva de *ecclesia*, a palavra grega que traduzimos por "igreja". Assim, o autor se referiu a si mesmo como um pregador ou professor religioso.

Mas quem é esse pregador? Se compreendermos o versículo 1 literalmente, ele era o rei Salomão — pois não houve nenhum outro **filho de Davi** que foi **rei em Jerusalém**. Todavia, compreender este versículo literalmente deixa outras passagens do livro sem explicação. Veja a discussão deste problema na Introdução, "Autoria".

2. *Tema do Livro* (1.2-11)

a) *O texto* (1.2-3). Em 2.11 o Pregador esboça o tema de seu "sermão". O texto é: **Vaidade de vaidades! É tudo vaidade** (2). A palavra hebraica é *hebhel*, que significa "vapor" ou "sopro". Isto significa a transitoriedade da vida, mas o autor quer dizer mais. A vida parece não estar indo a lugar algum. Muitos tradutores usam os termos **vaidade**, *futilidade*, *infrutífero, sem alvo* e *vazio*. Desse ponto de vista nossas vidas não têm sentido. A repetição, **vaidade de vaidades**, é a maneira hebraica de aumentar a intensidade e expressar assim total futilidade (cf. *servo dos servos*, Gn 9.25; e *santo dos santos*). O autor não omite nenhuma fase da vida, **tudo** é em vão e inútil.

Em que sentido o Pregador faz essa declaração? Existem tradutores que enxergam isso como o estado de espírito predominante, a filosofia de vida do Pregador. Mas é me-

lhor entender isso como um julgamento aplicado a pessoas que vêem a vida terrena como sua única vida (ver a Introdução, "Interpretação").

Obviamente há horas — e às vezes dias e semanas — quando o tema de Eclesiastes expressa a disposição da alma. Mas essas são horas e dias de depressão. Eles ocorrem em tempos de perda e desânimo. Tais momentos são reações emocionais temporárias que ao longo do tempo conduzem a uma compreensão mais verdadeira da vida. Eles se tornam atitudes determinantes de vida e de convicções apenas para homens cuja vida se encontra totalmente **debaixo do sol** (3), cujo ponto de vista é totalmente terreno e secular. Tal homem tem plena razão de perguntar: **Que vantagem tem o homem de todo o seu trabalho** [...]**?**

> Se não estamos convictos, talvez seja porque estamos vivendo em um nível muito baixo. Se vivemos pelo prazer ou pelo dinheiro ou pela fama, então as realidades espirituais se tornam inescapavelmente nebulosas e vagas. Para sentir que somos imortais precisamos viver como imortais. Olhar constantemente para o que é trivial cega os olhos para o esplendor do eterno, e sempre trabalhar por pérolas efêmeras rouba do coração a sua convicção na coroa da glória. Para aqueles que se dão de todo coração ao serviço da humanidade no espírito de seu Filho, Deus transmite não apenas paz e alegria, mas uma incrível convicção de que quando o trabalho aqui estiver terminado, morrer será lucro. (Citação selecionada.)

Essa é a fé elevada para a qual a revelação cristã aponta. Mas o homem ao qual *Qoheleth* se refere nunca alcançou essa fé como um padrão de vida fixo. Para ele outros fatos geralmente chamavam mais a atenção.

b) *Ilustrações da natureza* (1.4-8). Se um homem olha apenas para o ambiente físico da vida, ele encontra somente as respostas que o mundo material pode oferecer. Aqui, *Qoheleth* mostra quatro desses fatos frustrantes. A terra física é mais duradoura que a vida terrena do homem: **Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece** (4). Esta terra não foi destinada a durar para sempre (2 Pe 3.10), mas tem durado além de vidas terrenas de incontáveis gerações de homens. Se a vida aqui é tudo que existe, o Pregador é convincente ao defender o seu ponto de vista.

O argumento agora se volta aos ciclos do mundo natural, e o autor não vê nada além de monotonia. O **sol** (5) nasce apenas para se pôr, e aí **volta ao seu lugar** para nascer novamente. **O vento** (6) sopra **para o sul** e o vento sopra **para o norte** (uma referência aos ventos predominantes na Palestina) e aí repete o processo. **Todos os ribeiros vão para o mar** (7); a evaporação e a chuva devolvem as águas à terra, e os rios correm novamente por onde correram antes.

A natureza se move num ciclo, e quando alguém consegue enxergar apenas o ciclo, enlouquece. **Todas essas coisas se cansam tanto** (8) — energia imensa foi gasta e não há nada diferente de antes. Essa é uma atividade totalmente insensata — "algo indescritivelmente cansativo" (Berkeley). Como uma reflexão tardia, o espírito pessimista aqui vê apenas a futilidade na capacidade de compreensão do homem: **os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos de ouvir.**

Mas por que um homem deveria ser pessimista em relação às atividades recorrentes deste mundo? Quando o sol brilha, e as brisas sopram, e a chuva cai, pessoas conscientes

são abençoadas por esses elementos. Em vez de considerar tudo uma repetição insensata, a natureza pode ser vista como ativa, enérgica e vibrante. Aquele que é pessimista em relação aos olhos que sempre vêem e aos ouvidos que sempre ouvem deveria defrontar-se com a possibilidade de perder sua visão ou sua audição. Aí então essas provisões de Deus seriam compreendidas claramente pelas bênçãos que são.

c) *Monotonia e fadiga* (1.9-11). Raramente alguém consegue contradizer os fatos para os quais o autor aponta nesses versículos. A maioria das coisas que fazemos foi feita por alguém antes de nós — e a maioria delas será realizada novamente por outros depois de nós. Vamos admitir que existam apenas algumas experiências que possam ser chamadas de algo **novo debaixo do sol** (9). A maioria das atividades básicas da vida já ocorreu **nos séculos passados, que foram antes de nós** (10). Mas e daí? Por acaso exigimos que as coisas sejam novas para que possuam algum valor? Certamente este não é o ponto de vista de um colecionador de antigüidades!

Devemos lembrar de que todas as coisas velhas são novas para aqueles que acabam de chegar ao mundo. Antigas experiências também ganham novo significado para pessoas que de alguma forma são renovadas por um novo entusiasmo pela vida. Existem vidas novas, dias novos, interesses novos, serviços novos e novas devoções que trazem um significado revigorado à vida. Talvez devamos encontrar na perda da dedicação e do trabalho a chave para o estado de espírito do autor. No versículo 13, ele nos diz que se doou para entender este mundo. A sabedoria é algo bom, mas Deus nunca planejou que fôssemos observadores imparciais. Aqueles que servem com renúncia e devoção encontram significados que meros espectadores interessados não notam.

Quer dizer que o versículo 11 contradiz os argumentos dos versículos 9 e 10, e revela o pessimismo de *Qoheleth* como um sentimento em vez de uma atitude racional? O autor argumentou que a vida é sem valor porque nada é novo. Agora ele argumenta que a vida é sem valor porque tão pouco será lembrado! Muitas coisas são esquecidas — e talvez sejamos gratos pelo esquecimento da maioria delas — mas muitas coisas também são lembradas. Os monumentos que os homens constróem e os livros que escrevem conservam as memórias do passado. Muitas das coisas que apreciamos são preservadas em nossa memória aqui, e acreditamos que fazem parte de nós em uma existência consciente depois da nossa sepultura. Além do mais, Deus não esquece (Sl 56.8).

B. A FUTILIDADE DAS EXPERIÊNCIAS HUMANAS, 1.12—2.26

Esta seção foi escrita de forma autobiográfica. O autor fala da busca de sua vida pessoal, mas quem é o autor? Ele diz: **Eu** [...] **fui rei sobre Israel em Jerusalém** (12). Para encontrar respostas, veja a Introdução, "Autoria".

1. *A Busca Intelectual* (1.13-16)

Quer aceitemos Salomão como o autor do livro, quer não, temos de admitir que esta seção está lidando com os interesses do terceiro rei de Israel. Aqui se encontra a busca da mente inquiridora, o esforço do homem que procura ver sua vida na sua totalidade e de forma estável — **e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do**

céu (13). A busca intelectual não está inteiramente satisfeita. O autor a descreveu como: **essa enfadonha ocupação deu Deus aos filhos dos homens, para nela os exercitar** (13). No versículo 16, ele argumenta que, se o rei com todos os seus recursos financeiros e dons intelectuais não conseguiu encontrar satisfação em sua busca, como pode qualquer outro homem com menos recursos do que ele chegar a uma conclusão diferente?

O frustrado *Qoheleth* conclui que os esforços intelectuais da vida são **vaidade e aflição de espírito** (14), porque **aquilo que é torto não se pode endireitar** (15) e tudo aquilo que está errado **não pode ser calculado.** Somos finitos. Devemos admitir que sempre podemos encontrar mais coisas erradas em nós do que coisas certas. "Entretanto, possuímos o poder pela graça de Deus e o mistério de nossas próprias personalidades criativas para usar o material ainda não trabalhado de nossas experiências e nosso ser sempre inacabado, para fazer da vida um empreendimento digno de seu preço e promessas. O que é **torto** pode se **endireitar**, nas estradas, na sociedade, na alma; nem sempre é rápido ou fácil, e sempre custa um preço. Mas não temos outra opção a não ser tentar".[2]

2. *Uma Investigação e uma Descoberta* (1.17-18)

No versículo 17, o Pregador reafirma seu esforço para **conhecer a sabedoria**, mas adiciona uma palavra a respeito de suas técnicas de estudo. Ele tentou adquirir sabedoria por meio do conhecimento de opostos, **os desvarios e as loucuras**. Esta não foi só uma tentativa para experimentar todos os fatos. Muitos comentaristas dão a entender que esta foi uma investigação mais profunda da mente numa busca por princípios pelos quais alguém pode distinguir a **sabedoria** dos **desvarios** e **loucuras**. Mas *Qoheleth* descobriu que mesmo uma teoria do conhecimento pode ser uma **aflição de espírito**.

Existe uma verdade no versículo 18 que é descoberta por uma personalidade em crescimento. Quanto mais sabedoria alguém adquire, mais lacunas essa pessoa reconhece que existem, e menos satisfeita ela se torna com seu desenvolvimento. "Aquele que vive mais de uma vida, mais de uma morte precisa morrer". Mas quem iria querer afastar as dores do conhecimento à custa de continuar ignorante? Quem iria tentar afastar as tristezas da perda dos amados ao se recusar a amar? Crescemos quando avançamos na busca pela vida. Privar-se dessa busca é errar e perder o alvo.

3. *O Teste do Prazer* (2.1-3)

Nessa busca pelo prazer máximo, muitos homens têm experimentado os caminhos do **prazer** (1), do **riso** (2) e das estimulações do **vinho** (3). O Pregador admite suas próprias experiências com essas formas de diversão, mas logo descobre que elas são indignas do homem. O entretenimento cumpre um propósito muito útil como uma diversão para desligar das tarefas sérias da vida, mas a felicidade não pode ser encontrada na diversão. **Alegria** [...] **também** é **vaidade** quando alguém faz dela sua meta final. **Riso** [...] **de que serve** este para satisfazer nossas necessidades mais profundas? E a decisão: **busquei no meu coração como me daria ao vinho** (3) — mesmo para um homem que consegue lidar com isso **com sabedoria** — não é o caminho para a satisfação.[3]

4. *O Teste do Trabalho e das Posses* (2.4-11)

Voltando-se do entretenimento para o trabalho, o rei se entregou por um tempo a uma fase de projetos de construção. Ele construiu **casas** (4), plantou **vinhas, hortas e jardins**

(4,5), e construiu **tanques de água, para regar com eles o bosque em que reverdeciam as árvores** (6). Um homem precisa da mão-de-obra de pessoas para sustentar seus empreendimentos econômicos, por isso ele diz: **Adquiri servos e servas e tive servos nascidos em casa** (7). Possuiu muitas **vacas e ovelhas**; e acumulou muita **prata, e ouro** (7, 8). Provavelmente, o tesouro peculiar dos reis e das províncias eram presentes raros que eram oferecidos ao rei por chefes de outros estados. (cf. 1 Rs 10.1-2,10). O rei também era protetor das artes, cercando-se **de cantores, e de cantoras**. A última parte do versículo 8 está indefinida no hebraico. A maioria dos tradutores modernos entende isso como uma referência à satisfação sexual: "e tive todas as mulheres que um homem pode desejar" (NTLH).

Tudo isso pode ser chamado de realizações culturais. O que ele fez e conseguiu foi honrável e louvável para os padrões de sua sociedade. Ele foi o morador das regiões nobres bem-sucedido de nossa cultura — talvez o presidente milionário. Ele tinha tudo que o dinheiro podia comprar, e tudo que a inteligência e a fama podiam dar: **mas o meu coração se alegrou por todo o meu trabalho, e esta foi a minha porção** (10). Esta foi sua **porção** — mas não era o suficiente — **tudo era vaidade e aflição de espírito** (11). Como poderia ser diferente se tudo era para ele mesmo? Não é de admirar que nada conseguia inspirá-lo (Berkeley, nota). A atividade centrada em si mesma não resistirá à reflexão; a atividade precisa ter um propósito satisfatório.

5. *A Comparação entre Sabedoria e Tolice* (2.12-17)

Se um homem não consegue encontrar a felicidade contínua em seus afazeres e no acúmulo da fortuna, será que vai encontrá-la ao tirar o máximo proveito de sua mente? O autor agora dá a sua opinião quanto à **contemplação da sabedoria** [...] **e da doidice** (12).[4] Não custa muito para chegarmos à conclusão do Pregador de que **a sabedoria é mais excelente do que a estultícia, quanto a luz é mais excelente do que as trevas** (13). O homem **sábio** (14) usa sua inteligência para guiá-lo, **mas o tolo** anda na luz negra da ignorância. O homem é melhor do que um animal porque ele pode viver uma vida de reflexão.

Mas aqui a fundação arenosa de todo mero humanismo se torna evidente. Quão melhor é o homem sábio do que o homem tolo se a duração da vida dos dois é a mesma? Os valores relativos de uma vida terrena parecem iguais quando todos terminam na sepultura. Para a pessoa radicalmente mundana não existe nem a satisfação de continuar viva nas memórias dos homens: **Porque nunca haverá mais lembrança do sábio do que do tolo** (16). A mente do Pregador se rebelou contra esse nivelamento de todos os valores que os homens mais prezam: **Pelo que aborreci esta vida** (17). Ele não foi o primeiro nem o último a sentir o anseio justo do homem pela imortalidade. Addison escreveu a respeito do argumento de Platão:

> *Deve ser isso, Platão, argumentas bem!*
> *Senão, de onde vem essa esperança agradável, esse desejo prazeroso,*
> *Esse anseio pela imortalidade?*
> *Ou de onde esse pavor secreto, um horror interior*
> *De cair no nada? Por que a alma se retrai,*
> *Se encolhe em si mesma, e se assusta com a destruição?*
> *É o divino que se agita dentro de nós;*
> *É o próprio céu que indica que há um porvir,*
> *E anuncia ao homem a eternidade.*

6. *A Futilidade das Riquezas Acumuladas* (2.18-23)

Nestes seis versículos, o autor reflete a respeito das vantagens dos anos que gastou acumulando e armazenando riquezas. O que mais o incomoda é que ele precisa deixar tudo **ao homem que viesse depois de mim** (18). **E quem sabe se será sábio ou tolo?** (19). Provavelmente para um homem que acumulou de maneira tão diligente para si mesmo fosse natural não confiar em outros — nem mesmo em seus próprios herdeiros.

Freqüentemente a história tem comprovado os fatos básicos subjacentes ao pessimismo do Pregador. Poucos filhos têm provado ser tão eficazes em preservar fortunas quanto seus pais foram em acumulá-las. Mas esses fatos não deveriam fazer com que o **coração perdesse a esperança** (20). Pelo contrário, eles deveriam nos guiar na aquisição, no gasto e na maneira de legar essa herança aos filhos.

Se um homem fica tão obcecado por dinheiro que **até de noite não descansa o seu coração** (23), **também isso é vaidade.** A vida satisfatória é mais importante que a fortuna. Se não podemos pensar em nenhuma função melhor para a riqueza acumulada do que deixá-la ser desperdiçada por herdeiros irresponsáveis, há razões para o pessimismo em relação ao nosso trabalho. Mas o rei poderia ter usado sua fortuna enquanto estava vivo — usado para o bem do seu próximo e para o progresso do trabalho de Deus. Não é sábio que um homem bom gaste toda a sua vida acumulando dinheiro e deixe inteiramente para outros a decisão de como usá-lo. Deixe um homem investir e contribuir tão sábia e generosamente em seu tempo de vida quanto ele acumula. Quando ele o fizer terá algo **de todo o seu trabalho e da fadiga do seu coração** (22). E se ele tiver algo para deixar aos seus herdeiros, que ore a respeito das decisões e então aja com confiança na próxima geração, cujo caráter ele ajudou a moldar.

7. *As Bênçãos do Trabalho* (2.24-26)

O próprio rei chegou à conclusão de que uma viagem deliberada com dedicação exclusiva ao mundo da riqueza era **desgosto** (23). Um homem deve ter o suficiente para que **coma e beba** (24), mas ele também deve "ter prazer enquanto faz o seu trabalho" (24, Moffat). Este é o plano de Deus para o homem.

O versículo 25 é traduzido de maneira correta do hebraico na ARC, mas a tradução não se encaixa no contexto. A maioria dos tradutores modernos segue a Septuaginta, como por exemplo, Smith-Goodspeed: "Quem pode comer e pode se deleitar longe dele?". (A NVI traz uma sugestão semelhante na nota de rodapé: "Pois sem ele, quem poderia comer ou encontrar satisfação?"). Tal interpretação conecta os versículos 24 e 26 de maneira significativa. Sabemos que toda dádiva vem de Deus (Tg 1.17). É ele quem deu o apetite, a habilidade para sentir o gosto e a capacidade para aproveitar a vida.

No versículo 26, o Pregador resume o que a Bíblia ensina sobre o universo moral: **Porque ao homem que é bom diante dele, dá Deus sabedoria, e conhecimento, e alegria; mas ao pecador dá trabalho.** Adam Clarke comenta: "1) Deus dá *sabedoria* — o conhecimento a respeito dele mesmo, a luz para direcionar para o caminho da salvação. 2) *Conhecimento* — saber discernir a ação de sua mão; *a familiaridade experimental* com a pessoa dele, na concessão de sua graça e dos *dons de seu Espírito*. 3) *Alegria*; cem dias de alívio para um dia de dor; mil divertimentos para uma privação, e para aqueles que acreditam na paz da consciência, a alegria no Espírito Santo".[6]

Seção II

APRENDENDO A LIDAR COM A VIDA

Eclesiastes 3.1—5.20

Nesta seção, o filósofo-pregador prova os fatos na medida em que os encontra e os relaciona com os princípios de Deus.

A. Poema de um Mundo Bem Ordenado, 3.1-8

Na poesia[1] desta passagem o Pregador explana seu texto: **Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu** (1). Há intérpretes que só vêem um fatalismo absoluto nesta passagem (1-8), acompanhado da entrega resignada dos homens (9-15). Outros vêem o reconhecimento da soberania de Deus, complementada pela liberdade do homem e sua habilidade de ajustar sua vida às exigências de Deus. Atkins escreve: "A passagem possui uma excelência contida de movimento, como se o rio da vida se transformasse em duas correntes fluindo por entre os mesmos limites. Existe uma corrente de permissão, se assim pudermos chamá-la, e outra de proibição. Faz parte da sabedoria da vida saber onde pegar a maré adequada e não desperdiçar esperança e esforços naquilo que não pode ser feito — pelo menos não naquele momento".[2] "Deus determinou a ordem, e é nossa tarefa cumpri-la" (Berkeley, nota de rodapé, *loc. cit.*).

Em vez de tratar dos aspectos do mundo da natureza, estes versículos tratam das ações do homem. O significado da maior parte do texto é claro, sendo que não se deve esperar encontrar significados literais em palavras usadas de forma poética. O **tempo de arrancar o que se plantou** (2) provavelmente significa colher ou talvez signifique escavar, isto é, transplantar, como é feito nas plantações de tomate. O **tempo de matar** (3) talvez se refira à execução judicial, ou a hostilidades. Em vista do versículo 5, ele

pode todavia significar de maneira generalizada a palavra destruir.[3] O **tempo de deitar fora** (6) provavelmente significa um tempo de compartilhar com outros. O **tempo de amar** (8) sugere expressar nosso amor a Deus e às pessoas que nos cercam. O **tempo de aborrecer** ("odiar", NVI) seria odiar o mal e se opor a ele.

Está claro que a vida de um homem não é simples. É um complexo de forças que interagem entre si e que estão em constante mudança e que exigem uma reação agora e uma reação diferente em circunstâncias diferentes. Nem sempre gostamos da mudança, mas a sabedoria requer que nos ajustemos a isso. Ao olharmos para trás, podemos dizer que certamente Deus o planejou.

B. FRUSTRAÇÃO E FÉ, 3.9-15

O homem que vive somente para este mundo nunca está longe da frustração. O autor exprime novamente a pergunta do versículo 22, do capítulo 2: "Que vantagem tem o trabalhador naquilo em que se desgasta?" (9, Berkeley). No versículo 10, *Qoheleth* declara: **Tenho visto o trabalho que Deus deu aos filhos dos homens**, mas nisso ele encontra valor. **Tudo fez formoso em seu tempo** (11, cf. Gn 1.4, 12, 18, 21, 25, 31).

Nos versículos 12 e 13, recebemos a mesma resposta terrena que foi dada em 2.24: as possibilidades de um homem são limitadas para que **coma e beba e goze do bem de todo o seu trabalho**. Mas agora, a fé de *Qoheleth* começa a tornar-se seu amparo. Não importam as complexidades da vida, **isso é um dom de Deus** (13). Os homens não estão aqui somente para se divertir, mas para **fazerem bem na sua vida** (12). Nunca podemos esperar entender todo o plano de Deus: **sem que o homem possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim** (11). Contudo, o plano é confiável: **nada se lhe deve acrescentar e nada se lhe deve tirar** (14). Além disso, Deus fez esse tipo de mundo e essas circunstâncias da vida para que **haja temor** ["seja reverente", Berkeley] **diante dele**.

O versículo 15 tem sido interpretado e traduzido de várias maneiras. As primeiras duas frases declaram evidentemente a ordem invariável do universo. Mas qual é o significado da última frase? Aqui ela é traduzida como: **e Deus pede conta do que passou**; outra possibilidade é: "Deus procura aquilo que foi afastado" (RSV). As palavras podem ser entendidas simplesmente como a ação contínua de Deus em seu universo ordenado. Elas não podem ser entendidas com igual solidez como uma expressão de Deus para o seu propósito com o universo — um paralelo da última frase do versículo 14? Se concordarmos com isso, podemos ver o universo de Deus e sua atividade como algo projetado para atrair os homens para si mesmo — inclusive aqueles que de alguma forma "passaram" e se "afastaram".

O versículo 11 também foi motivo de muita diferença na interpretação. **Também pôs o mundo no coração deles** foi traduzido como: "Ele colocou a eternidade na mente do homem" (RSV), e: "Ele também plantou eternidade nos seus corações" (Berkeley). Este desejo no espírito do homem não é tão imutável e recorrente quanto o sol nascente? Esta não é uma das provisões de Deus para nos atrair para si e nos elevar acima das preocupações do nosso mundo material? "Uma grande razão de nossa carência de satisfação se encontra nessa sensação inata de eternidade que temos dentro de nós, que não pode ser suprida por nenhum feito ou coisa terrena".[4]

C. O PROBLEMA DO MAL MORAL, 3.16-22

1. *Deus Tem a Resposta* (3.16-17)

Agora o autor se volta do significado das complexidades da vida para a consideração de suas contradições morais. Ele viu que nas cortes onde deveria haver **juízo**, havia **impiedade** (16); onde deveria haver **justiça**, havia mais **impiedade** ainda. Como podemos conciliar a presença do mal com um mundo regido por um Deus justo? A resposta da fé é que Deus um dia **julgará o justo e o ímpio** (17, cf. Mt 13.24-30, 36-43). No início do capítulo, *Qoheleth* expôs de maneira bela a natureza equilibrada da vida; existe um tempo e um lugar apropriado para cada experiência do homem. Aqui esta filosofia é ampliada pela fé para resolver o problema do mal. **Eu disse no meu coração, Deus** irá resolver essa contradição — um julgamento justo deverá ser aplicado a ambos: **o justo e o ímpio** — em seu tempo.

2. *A Incerteza da Vida Futura* (3.18-22)

A oração **para que Deus possa prová-los** (18) pode ser entendida como: "Deus está testando-os para mostrar que são bestas" (RSV). Alguns aplicam este versículo aos "ímpios" de que falam os versículos 16 e 17, mas parecem pertencer às considerações mais universais que seguem. **Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais; [...] como morre um, assim morre o outro [...] todos ao pó tornarão** (19 e 20). Estas são afirmações inquestionáveis concernentes ao corpo — mas e o espírito? A forma da pergunta seguinte parece revelar claramente a incerteza e a fé frágil: "Quem sabe se o espírito do homem vai para cima?"[5] (21, Smith-Goodspeed). É a frustração deste ponto de interrogação que conduz à conclusão final: "Assim eu vi que a melhor coisa para o homem é alegrar-se com o seu trabalho; é isso que ele tira da vida" (22, Moffatt). O que havia acontecido à fé no futuro mencionado no versículo 17? O que acontece ao vigor da fé e ao seu grande empenho quando a dúvida à respeito do futuro da vida do homem se faz presente no seu espírito?

D. AS DESILUSÕES DA VIDA, 4.1-16

1. *Opressão Social* (4.1-3)

Esta seção pode ser considerada uma continuação do debate anterior a respeito das injustiças da vida. **Depois, voltei-me** (1) talvez signifique que o pensamento do autor voltou-se novamente para as meditações de 3.16. Ao refletir profundamente acerca de assuntos como as injustiças da vida econômica e política, a vida parece não ter esperança. Havia **as lágrimas dos que foram oprimidos** e **não tem nenhum consolador.** O **poder** estava do lado do opressor e não havia ninguém para ficar junto aos oprimidos. Partido por essas iniqüidades, o coração chora; é melhor estar no meio dos que já **morreram** do que entre aqueles que ainda estão **vivos** (2). Melhor ainda é aquele que nunca nasceu e conseqüentemente **não viu as más obras que se fazem debaixo do sol** (3).

Mas tão desesperadora quanto muitas condições opressivas, essa solução deve ser considerada um estado de espírito do momento — não uma filosofia de vida. O próprio autor se contradiz quando em 9.4 afirma que: "melhor é o cão vivo do que o leão morto".

Atkins comenta: "Sobre os mais afortunados cai uma sombra indistinta daquela atitude, talvez mais freqüentemente do que pensamos: o desejo de que tivessem sido poupados do peso de viver. E ainda assim, a vida é uma responsabilidade; embora não haja nenhuma promessa de que vai ser fácil, o suficiente nos é concedido não só para fazer dela uma corajosa aventura, mas em suas mais nobres realizações um desafio digno do esforço e do preço, tanto para este mundo sombrio como para uma ordem espiritual duradoura".[6]

2. *O Enigma do Esforço* (4.4-6)

AARC traz aqui: **todo trabalho e toda destreza em obras trazem ao homem a inveja do seu próximo** (4). A NVI interpreta este versículo assim: "todo trabalho e toda realização surgem da competição que existe entre as pessoas" (veja também a BJ e a RSV). Em todo caso, o lugar para a competição e inveja como motivações da vida é superestimado pelo nosso pessimista *Qoheleth*. Estas afirmações são apenas cinqüenta por cento verdadeiras — se forem tudo isso. A pessoa que acredita nessa inexatidão perigosa deveria olhar para frente e viver de maneira melhor. Existem homens que são dirigidos pela realização competitiva, mas por que deveríamos esquecer dos milhões que trabalham duro para suprir as suas necessidades? Para prover conforto para aqueles que amam? Que prestam contas de maneira digna a Deus, a quem dedicaram todas as energias de sua vida?

Ser invejado por causa das suas realizações é ruim, e se esforçar para conquistar algo para sobrepujar seu companheiro é pior ainda. Ambos são **vaidade e aflição de espírito**. Mas ainda assim, o trabalho é importante para se ter uma vida boa; apenas **o tolo cruza as suas mãos** (5) e não faz nada. **E come a sua própria carne** pode significar que destrói a si mesmo ou talvez que vive em dependência financeira dos seus parentes. No versículo 6, *Qoheleth* destaca a sua opinião já muito repetida de que a sabedoria exige equilíbrio, que se devem evitar os dois extremos: "Melhor é uma mão cheia com tranqüilidade do que duas mãos cheias com encrencas e lutas pelo vento" (Smith-Goodspeed). Nosso Senhor apoiaria este conselho contra o trabalho extremo e ansioso que se esforça para conseguir bens materiais (Mt 6.25-34).

Atkins comenta: "Que bela frase, *uma mão cheia de quietude.* Os generais fazem uma tropa em marcha descansar em intervalos de, digamos, quinze minutos: apenas uma mão cheia de quietude, mas isso mantém a tropa em marcha. A habilidade de medir uma mão cheia de quietude fora das tensões e esforços do mundo tem poder curador e encorajador. Chamamos isso de relaxamento. Porém é mais do que isso. É deixar que a vida se batize novamente nas bênçãos e naquilo que é duradouro, e assim encontrar o descanso. Isso aquieta o espírito perturbado e antevê a cura final quando "os maus cessam de perturbar; e [...] repousam os cansados" (Jó 3.17).[7]

3. *O Mal da Solidão* (4.7-12)

Praticamente todo fardo pode ser carregado se existe um amigo com quem se possa compartilhá-lo. *Qoheleth* vê claramente que um dos grandes males da vida ocorre quando **há um que é só** (8). A expressão **não tem segundo** significa que não existe um companheiro. O homem que trabalha e ainda assim não tem ninguém — nem **filho nem irmã** — para o inspirar e dar sentido ao seu trabalho convive com **enfadonha ocupação** com certeza. Para levar uma vida satisfatória, o homem precisa ter uma resposta

digna para a questão: **para quem trabalho eu** [...] **?** E essa resposta precisa ser encontrada além de seu papel dentro da família, no serviço para a satisfação das necessidades das pessoas, ou no cumprimento da vontade de Deus para a sua vida.

Em contraste com os males do isolamento, os versículos 9 a 12 estabelecem a importância de se trabalhar em conjunto. Moffatt diz: "É melhor serem dois do que um; eles se saem bem em tudo que empreendem" (9). Matthew Henry comenta: "Qualquer serviço que fizerem [um pelo outro] lhes é restituído de alguma maneira".[8] O companheirismo humano e a cooperação trazem ajuda (10), calor humano (11) e proteção (12) mútuos. **O cordão de três dobras não se quebra tão depressa** é um provérbio que sugere que, se é melhor serem dois do que um, é melhor ainda serem três. Para que um homem tenha amigos, ele precisa se mostrar amigável. Aquele que busca fazer "bem na sua vida" (3.12) raramente irá sofrer as dores do isolamento.

4. *A Brevidade da Fama* (4.13-16)

O significado desta seção não está claro, mas é uma meditação a respeito da **aflição de espírito** (16) que sobrevêm ao governador desiludido. Muitos comentaristas contemporâneos encontram na história uma referência a José, o **jovem pobre e sábio** (13) que **sai do cárcere para reinar** (14). Se isto estiver correto, talvez **o sucessor** (15) se refira a José como o segundo após o Faraó (Gn 41.43). **Que nasceu** [...] **no seu reino** (14) significa ter nascido no reino que finalmente seria seu.

O significado do parágrafo pode ser que algumas coisas são melhores que outras — **um jovem sábio** é melhor que um **rei velho e insensato**. Contudo não há nada — nem as experiências do sábio e jovem governador — que seja muito bom a longo prazo. "Vi todos os viventes na terra andarem lado a lado com esse jovem [...] Só que mais tarde os homens perderam o interesse nele. Isso também é vaidade e futilidade" (15-16, Moffatt).

E. LOUVANDO A DEUS DA MANEIRA CORRETA, 5.1-7

Um dos fatos da vida, com o qual o homem precisa contar, é que Deus é o Criador, o homem é o ser criado, e nós devemos assim responder a Deus. Adorá-lo num encontro face a face é nossa obrigação e oportunidade mais significativa.

1. *Seja Reverente* (5.1-3)

Guarda o teu pé (1) é expresso de maneira excelente por uma repreensão bem atual: "Cuidado onde pisa!"[9] Existe uma sabedoria genuína no conselho do nosso pregador, mas precisa ser modificada pela revelação de Jesus do caráter de Deus. Se entendemos que o versículo 1 está dizendo: "Seja reverente na presença de Deus", reconhecemos isso de maneira completa e satisfatória. Deus está acima e é santo; por essa razão, a admiração reverente requer que estejamos sempre entrando em sua presença. **Inclina-te mais a ouvir** indica uma atitude de receptividade. É sempre melhor ouvir o Espírito Santo do que estar muito concentrado em dizer a Deus o que queremos que Ele ouça: ouvir implica obediência; portando, traduzindo: "Aproximar-se para ouvir é melhor do que os tolos oferecerem sacrifícios" (Smith-Goodspeed; cf. 1 Sm 15.22). Os **sacrifícios de tolos** seriam qualquer aproximação irreverente e não sincera diante de Deus. Moffatt

traduz a última oração do versículo 1 como: "Tudo que um tolo sabe é fazer o que é errado" — até mesmo na adoração.

Não te precipites com a tua boca (2) dá a entender que o silêncio respeitoso ou reverente e uma oração bem pensada são muito mais apropriados do que muitas frases faladas de forma litúrgica já padronizada. "Este provérbio [v. 3] tem como propósito mostrar que, assim como atividades em excesso levam a uma noite cheia de sonhos, assim também a verbosidade leva o homem a pronunciar tolices (heb. 'a voz do tolo')".[10] Cf. Tg 1.19,26; 3.2-10.

2. *Cumpra os seus Votos* (5.4-7)

Um voto é essencialmente um contrato com Deus. É o compromisso que fazemos com Ele, e é perigoso não se preocupar em cumprir tais promessas. A orientação é clara: **Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo** [...] **o que votares, paga-o** (4). **Melhor é que não votes do que votes e não pagues** (5). Mas "melhor é prometer e pagar" (Berkeley, nota de rodapé, *loc cit.*). Promessas feitas a Deus em momentos de confronto com Ele, se cumpridas, têm poder para nos levar a novos níveis de devoção; mas uma promessa a Deus que é quebrada coloca em risco nossa posição diante dele e arruina gradativamente a estrutura básica do caráter (Dt 23.21-23).

Tua carne (6) significa o próprio eu; conseqüentemente: "Não permitas que a tua boca te faça pecar" (Smith-Goodspeed). O **anjo** provavelmente seja uma referência ao sacerdote (Ml 2.7), e assim também ao pastor ou qualquer representante humano de Deus. **De sorte que destruísse a obra das tuas mãos** significa frustrar os planos de alguém ou diminuir o sucesso de seus empreendimentos. **Como na multidão dos sonhos** [...] **assim também nas muitas palavras** (7): veja o comentário no versículo 3.

Teme a Deus (7) é muitas vezes uma exortação bíblica sadia para se honrar e obedecer a Deus. Se este é o significado aqui, isso pode perfeitamente ser considerado um bom resumo de toda seção. Todavia, Rankin[11] e outros dizem que essa não é uma repreensão ao temor divino, mas é uma admoestação para não irritar um Deus tirano. Esta interpretação parece coerente com a maior parte da essência dos versículos 1-7. Deus está tão elevado acima e o homem tão abaixo (2) que é melhor evitar a Deus ao máximo. Os versículos 4-6 insinuam que Deus é um legalista que não ouve justificações e não permite erros. Nessa hora, *Qoheleth* não está na metade de sua jornada que passa do ceticismo à fé. Não é esse o retrato do Novo Testamento a respeito de Deus nem do ponto de vista cristão do relacionamento do homem com Ele. Jesus nos diz que Deus é um Pai bondoso e justo. Devemos amá-lo e lhe obedecer, mas nesse relacionamento devemos esperar encontrar um companheirismo que traz alegria em sua presença — podemos compartilhar com Ele nossas alegrias, erros e nossos problemas, quaisquer que sejam. Deus é um Companheiro a ser buscado, não um poder rígido a ser temido e evitado.

F. AJUSTANDO PROBLEMAS FINANCEIROS, 5.8-20

1. *Cobrando Responsabilidade de Autoridades Civis* (5.8-9)

Os versículos 8 e 9 parecem apresentar um aspecto econômico muito importante a respeito das injustiças da vida. A RSV dá uma interpretação precisa do versículo 8: "Se

vires em alguma província os pobres sendo oprimidos e o direito sendo suprimido de forma violenta, não te espantes diante disso". Existem duas razões pelas quais não deveríamos nos surpreender: a) **porque o que mais alto é do que os altos para isso atenta**; *isto é, na cobrança dos impostos cada funcionário público mais alto observa* aquele que está abaixo e exige a prestação de contas dele. **Há mais altos do que eles** talvez queira dizer que sempre existe algum outro funcionário mais alto a ser satisfeito. Contudo, uma interpretação legítima seria b) que a frase se refere ao próprio Deus. "Ao observar a escala hierárquica podemos, de acordo com a nossa visão, apenas ver 'os poderes que existem' ou podemos enxergar acima deles Aquele que irá 'julgar os órfãos e oprimidos' (Sl 10.18)".[12]

O versículo 9 dá a entender que, apesar de tudo, a renda do trabalhador deve pagar os custos do governo, e inclusive os agricultores explorados pelo **rei** se encontram numa situação melhor do que os agricultores sem governo: "Um país prospera com um rei que tem o controle" (Moffatt). É necessário o controle social em uma comunidade agrícola estabelecida, e muito mais controle é necessário onde milhões de pessoas moram em cidades abarrotadas.

2. *A Riqueza é uma Bênção Ambígua* (5.10-12)

Qoheleth diz que ainda que você seja sobrecarregado de impostos e não consiga acumular riquezas, não se angustie por isso. A riqueza é, na melhor das hipóteses, uma bênção ambígua. Fixar o coração em enriquecimento até que se torne sua maior preocupação é algo frustrante: **O que amar o dinheiro nunca se fartará de dinheiro** (10). "A não ser que a riqueza esteja na alma, os homens descem aos seus túmulos de mãos vazias". Jesus nos convida a relembrar que "a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (Lc 12.15).

Onde a fazenda (bens) **se multiplica, aí se multiplicam também os que a comem** (11). "Quanto maior a quantidade de carne, maior a quantidade de bocas [...] Quanto mais os homens possuem, melhor é a casa que almejam, maior o número de empregados que precisam contratar, maior o número de convidados que precisam entreter [...] e maior [o número de parasitas] que eles terão nas suas costas".[13] Qual é a utilidade de mais dinheiro se tudo que ele requer é mais trabalho árduo? Ao se empanturrarem e se preocuparem demais com sua saúde, os ricos também perdem seu sono. Mas **doce é o sono do trabalhador** (12), devido ao seu trabalho físico e falta de preocupações.

3. *A Riqueza com Freqüência se Perde* (5.13-17)

Tanto aqui como em todo lugar (2.21, 3.16, 4.13), *Qoheleth* está refletindo sobre um caso particular que ele observou, um **mal que vi debaixo do sol** (13). Esse mal particular era um homem cujas **riquezas** foram mantidas para o seu **próprio dano**. Nesse caso, o seu dano surgiu devido à perda de sua riqueza "em um empreendimento infeliz" (14; Smith Goodspeed). Tendo perdido suas riquezas, o pai não tinha nenhum legado para deixar ao seu filho. O pronome "ele" (subentendido; v. 15) se refere mais ao pai do que ao filho. A última parte do versículo repete o fato óbvio que o acúmulo de riquezas é vaidade porque um homem não pode levar nada do seu trabalho com ele. **Assim nu voltará** significa que na morte do homem não havia nenhuma riqueza tangível para

mostrar pela labuta da vida. Moffatt pergunta: "O que ele ganha por todos os seus esforços vãos, gastando os seus dias em escuridão, em privações, profundas ansiedades, angústias e acessos de raiva?" (16-17).

4. *Apegue-se à Riqueza Frouxamente* (5.18-20)

Aqui está o próprio julgamento do Pregador em relação à atitude certa com respeito ao dinheiro. "Veja! O que descobri por mim mesmo ser preferível e melhor é que ele coma e beba e descubra o prazer em todo o trabalho em que tanto se esforça" (18, Berkeley). Isso é o quanto a fórmula para uma vida agradável de Eclesiastes consegue chegar perto de ser totalmente realista. É muito melhor para o homem aproveitar o seu trabalho e os frutos dele do que se inquietar e se preocupar com isso. Até mesmo o homem que possui **riquezas e fazenda** (bens; v. 19) não deveria se tornar obcecado por elas. O ideal é o homem se manter interessado, atarefado e ocupado de maneira construtiva não importa quantas riquezas possua. Mas novamente causa arrepios a "fascinação quase mórbida pela morte"[14] que o autor tem. A melhor motivação que ele consegue dar à atividade é que o homem "não deve pensar com freqüência acerca da brevidade da sua vida" (Berkeley).

A atitude de se apegar à riqueza frouxamente é boa, mas melhor ainda é essa atitude acompanhada de uma fé cristã radiante! Rylaarsdam escreve: "Para *Qoheleth* [...] todos os valores humanos são relativizados porque nenhum deles é o meio para o fim do homem. Nessa consideração ele antecipa o ponto de vista de Paulo; o que ele carece é de clareza e convicção, apresentadas posteriormente, a respeito desse fim e do amor e do poder de Deus pelos quais ele é obtido".[15] Quando essa é uma parte real da fé e vida do homem, Deus verdadeiramente **lhe responde na alegria do seu coração** (20).

SEÇÃO III

NÃO HÁ SATISFAÇÃO EM BENS TERRENOS

Eclesiastes 6.1—8.17

A. FRUSTRAÇÕES DA RIQUEZA E DA FAMÍLIA, 6.1-12

Mesmo que o capítulo 6 seja exposto aqui sob uma nova divisão, ele está relacionado ao tema do capítulo 5. Os versículos 1 e 2 dão seqüência às reflexões do Pregador sobre as desilusões da riqueza. Tanto os versículos 1 e 2 como o 3 e o 6 são ilustrações da premissa estabelecida em 5.18-19, de que ter prazer é um presente de Deus, e que a paz de espírito é o maior bem que a vida pode oferecer.

1. *A Riqueza sem a Felicidade* (6.1-2)

O versículo 1 nos apresenta um outro mal que o autor tem **visto debaixo do sol**. Ele observa que esse mal **mui freqüente é entre os homens.** O hebraico seria traduzido de maneira mais precisa como: "pesa sobre os homens" (AT Amplificado). A frustração da riqueza sem o senso de uma vida digna é possível, obviamente, apenas para aqueles que possuem riquezas. Como conseqüência, é **mui freqüente** [...] **entre os homens** e mulheres de recursos.

Em 2.18-23, o problema foi o homem rico cuja fortuna seria desperdiçada por herdeiros imprudentes; em 5.13-17, foi o homem rico que a perdeu. Aqui o **mal** é o homem que possui riquezas, mas não encontra satisfação nelas — esse é o significado de **Deus não lhe dá poder para daí comer** (2). Os termos riquezas, fazenda e honra podem ser entendidos como dinheiro, propriedades e apreço. Aquele que os possui parece ter tudo o que **sua alma deseja**. Mas sem felicidade eles são em vão. Uma vida cheia de coisas mas sem a verdadeira felicidade significa **má enfermidade.** Como o conhecimento sobre um câncer que se alastra, isso restringe ou destrói as alegrias normais da existência de um homem.

2. *A Família sem o Reconhecimento* (6.3-6)

Uma família grande e longevidade eram consideradas grandes bênçãos entre os hebreus. Mas mesmo essas podem ser inúteis, ou piores que isso. **Se o homem gerar cem filhos** (3) e **se a sua alma se não fartar do bem** — isto é, não encontrar alegria neles — qual é o seu valor? Se **os dias dos seus anos forem muitos** mas **não tiver um enterro** — isto é, "um enterro nobre, que testifique do amor verdadeiro dos seus descendentes" — onde está o valor de uma vida dessas?

Os versículos 3-5 revelam a freqüência de comparações usadas pelo autor. **Um aborto** que não permite jamais um ser chegar à consciência de sua existência **é melhor** que uma vida que não encontra nenhuma satisfação digna. Mesmo aquele que está fadado ao fracasso desde o início, **porquanto debalde veio e em trevas vai** (4), e nunca recebe um **nome,** seu destino é preferível a uma vida sem propósitos. Nunca ter visto **o sol** (5) ou nem tê-lo conhecido é melhor que ter visto e conhecido as profundas desilusões que às vezes vêm da riqueza e da família.

Qoheleth não conseguia enxergar valor algum em uma vida na terra profundamente insatisfatória porque ele não possuía uma fé elevada na vida após a sepultura. **Duas vezes mil anos** (6) seria uma vida na terra duas vezes tão longa quanto a de Matusalém (cf. Gn 5.27). O raciocínio aqui empregado é que, se não existe felicidade na vida terrena, quanto maior a sua duração, pior a vida se torna. E quando você tiver somado todos os valores da existência terrena, a sua conta não terá chegado ao fim? **Não vão todos para um mesmo lugar** — a sepultura final e silenciosa? "Tanto o feto sem vida como o homem cuja vida foi longa mas desprezível, estão destinados ao Sheol, e o feto sem vida deveria ser parabenizado porque ele alcançou a meta por meio de um caminho mais curto e menos agonizante".[1]

3. *Mais algumas Frustrações* (6.7-9)

a) *A satisfação terrena versus o desejo espiritual* (6.7). **Todo trabalho do homem** (o homem preso à terra) **é para a sua boca** ("auto-preservação e divertimento", AT Amplificado), **e, contudo, nunca se satisfaz** (fome espiritual). "Toda vida humana é uma busca de prazer e diversão, mas é uma busca de diversão e prazer vãos em si mesmo, e que não levam à verdadeira satisfação".[2]

b) *Nem mesmo a sabedoria é suficiente* (6.8). Aqui, num único versículo, *Qoheleth* repete o argumento de 2.12-17 (veja também comentários neste trecho). O Pregador não responde à sua própria pergunta. Ao contrário, o ponto de vista subentendido é que se viver para a própria "boca" (7) não é suficiente, também não é suficiente viver pela mente. A base dessa conclusão está no versículo 6 — ambos "vão para um mesmo lugar". A frase **andar perante os vivos** é interpretada por Galling para significar: "viver sem o pensamento do dia de amanhã". Assim ele pensa que o significado do versículo é: "Que vantagem tem o homem sábio sobre o tolo, o homem que possui conhecimento, mas vive impensadamente?"[3]

c) *Uma resposta insatisfatória* (6.9). Aqui novamente *Qoheleth* chega à sua resposta insatisfatória — Faça o melhor da sua vida enquanto você vive. Pelo fato de o homem sábio com suas altas metas — **o vaguear da cobiça** — não possuir nada melhor do que

o tolo que só busca prazer, por que então deveria fazer todo o esforço? A pessoa deveria estar contente com aquilo que vem fácil e naturalmente. A frase: **vaidade e aflição de espírito** pode ser aplicada à seção inteira (7-9); por outro lado, pode ser aplicada especificamente à conclusão infeliz do versículo 9.

4. *Um Homem Finito contra o Destino* (6.10-12)

Aqui *Qoheleth* sumariza seu ponto de vista pessimista de toda condição humana. **Seja qualquer o que for, já** [...] **foi nomeado** significa o todo da existência — **e sabe-se,** i.e., e é pré-conhecido e predeterminado. O homem é uma criatura finita e não pode **contender com o que é mais forte** (Deus) **do que ele**. O versículo 11 afirma que o homem é tão impotente contra o seu Criador que isso torna toda a discussão inútil. O versículo 12 é um clamor final no escuro: "Quem pode dizer o que é bom para o homem nesta vida, durante os poucos dias da sua vida vazia que passa como uma sombra? Pois quem pode dizer ao homem o que vai acontecer neste mundo depois de ele partir?" (Moffatt).

"Como é impressionante em todo o livro de Eclesiastes a evidência de que, enquanto Salomão, o esbanjador, está dando tudo de si para provar que a vida é fútil e indigna de ser vivida, o Espírito Santo está usando-o para mostrar que essas conclusões são um efeito trágico de se viver meramente 'debaixo do sol' — ignorando o Senhor, longe de Deus o Pai, à margem da influência do Espírito Santo — e ainda assim face a face com os mistérios da vida e da natureza!"[4]. Atkins comenta sucintamente: "A não ser que haja riqueza na alma, os homens vão para os seus túmulos de mãos vazias".[5]

B. SABEDORIA PRÁTICA EM UM MUNDO PECAMINOSO, 7.1-29

Este capítulo contém uma série de provérbios e outras breves observações. Eles estão ligados pelo tema comum que faz sentido para o nosso tipo de mundo. A série é evocada pela pergunta de 6.12: "o que é bom nesta vida para o homem [...] ?".

1. *A Base para Escolhas Sábias* (7.1-4)

O versículo 1 começa com um jogo de palavras no hebraico: *Shem* (**nome**) é melhor que *shemen* (**ungüento**). Trata-se de um conselho sábio que diz: se você quer ter uma vida útil, viva de forma tal que construa uma boa reputação. A oportunidade na vida freqüentemente depende da sua imagem na cabeça de seus parceiros e amigos. Muitas vezes no Oriente os homens usam perfume para se tornarem socialmente mais aceitos. Mas para aceitabilidade realmente significativa o bom nome (**a boa fama**) é melhor que **ungüento.**

O restante dessa seção ressalta que uma abordagem séria da vida é melhor que um estado de espírito alegre. A vida é mais um negócio do que uma festa. Adotar essa conduta leva às melhores decisões e à melhor reputação. **O dia da morte,** etc. (1) provavelmente significa: É melhor visitar o desolado do que ir a uma festa de aniversário. Esta interpretação é apoiada pelo versículo 2: **Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete.** A morte é **o fim de todos os homens** — uma experiência que é comum a todos — e esse fato atribui uma perspectiva correta a muitas decisões. Por essa razão, **os vivos** irão prestar a atenção devida ao fato.

Melhor é a tristeza do que o riso (3) porque momentos de tristeza nos fazem pensar seriamente. "Nesses casos a maioria dos homens se coloca no tribunal de sua própria consciência, e opta pelo aperfeiçoamento da vida".[6] A declaração **porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração** dá a entender que "um choro intenso alivia a revolta emocional" (Berkeley, nota de rodapé). Por causa desses fatos, aquele que é sábio é propenso à seriedade:

> *A mente dos sábios está na casa do luto,*
> *mas a mente dos tolos, na casa da alegria* (4, Smith-Goodspeed).

2. *Algumas Armadilhas antes de chegar ao Julgamento Correto* (7.5-10)

Julgamentos confiáveis se baseiam em saber quais informações devem ser rejeitadas e quais aceitas. Aqui, o Pregador indica algumas coisas que uma pessoa sábia vai evitar.

Esta passagem serve como explicação prática do tópico: "Conselhos Bíblicos a Pessoas Sábias de Deus":

a) *Não aceite conselho errado* (7.5-6). Dê ouvidos a conselheiros confiáveis, mesmo quando seus conselhos doem. **A repreensão do sábio** (5) pode machucar momentaneamente; mas se ele é sábio, ele nos repreendeu porque estávamos errados e precisávamos de correção. **A canção do tolo** pode significar ou a bajulação para evitar a verdade que machuca ou simplesmente opiniões irresponsáveis. Ambos são como **o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela** (6) — talvez eles sejam luminosos e com aspecto interessante, mas não cozinham a comida.[7]

b) *Não permita que o seu julgamento seja distorcido por circunstâncias irrelevantes* (7.7).

Um homem pode tomar decisões erradas e falar coisas erradas por pressões emocionais. A respeito dos filhos de Israel lemos o seguinte: "Indignaram-no também junto às águas da contenda, de sorte que sucedeu mal a Moisés, por causa deles" (Sl 106.32-33). Somos advertidos que a **opressão** "e a extorsão faz do sábio um tolo, e o suborno destrói o entendimento e o julgamento" (AT Amplificado).

c) *Não tome decisões com base em coisas incidentais* (7.8a). **Melhor é o fim das coisas do que o princípio delas,** diz o pregador; tome suas decisões da perspectiva de propósitos e alvos básicos; não faça caso de reações incidentais anteriores.

d) *Não seja impaciente* (7.8b). **Altivo de coração** aqui provavelmente significa ser precipitado porque alguém está com pressa. A paciência persistente resolve muitos problemas que não se solucionariam por pressão imediata. "É melhor esperar em silêncio o desenrolar de uma questão, e não julgar ou agir até que isso aconteça, do que proceder de maneira impulsiva e com uma precipitação impetuosa, e assim trazer más conseqüências sobre alguém".[8]

e) *Não fique irritado* (7.9). **Não te apresses** [...] **a irar-te.** A ira sempre é inimiga do pensamento claro e do julgamento confiável. Apenas os **tolos** deixam que essa inimiga da alma destrua suas relações pessoais e suas reputações como pessoas responsáveis.

Matthew Henry comenta: "Não fique irado antes da hora [...] Não fique irado por muito tempo [...] Aquele que antes se considerava tão sábio não deve dar lugar ao Diabo, não deve deixar que o sol se ponha sobre a sua ira, Ef 4.26,27".[9]

f) *Não reclame dos tempos* (7.10). Reclamar de modo rabugento que **os dias passados** [são] **melhores do que estes** está além da conduta do homem sábio. Em primeiro lugar, mesmo se for verdadeiro, isso nunca contribui muito para resolver os problemas de hoje. Além do mais, **nunca com sabedoria isso perguntarias,** porque mais freqüentemente do que imaginamos temos fatos insuficientes para formar um julgamento adequado. No que diz respeito à decisão e ação: "O hoje nos pertence, somente o hoje".

3. *Busque a Sabedoria* (7.11-12)

Talvez alguém discorde e se imagine desafiando o Pregador com esta pergunta: "Qual o valor da sabedoria sem o dinheiro?". O sábio disse de maneira geral que a sabedoria era melhor que a riqueza (Pv 16.16). *Qoheleth* declara:

> *A sabedoria é tão boa quanto a herança,*
> *um grande benefício para a humanidade* (11, Moffatt).

Os que vêem o sol se refere ao homem em sua existência terrena. Ambas, sabedoria (12) e dinheiro, possuem valor,

> *mas a sabedoria faz mais bem do que o dinheiro,*
> *é uma proteção para a vida do homem* (Moffatt).

Clarke comenta: "O *dinheiro* é o recurso que serve de apoio para a nossa vida física: mas a *sabedoria* — a religião do Deus verdadeiro — dá *vida aos que a possuem*. O dinheiro não pode obter o favor de Deus, nem dar *vida* à alma".[10]

4. *Confie em Deus* (7.13-14)

É provável que esses dois versículos estejam ligados com os versículos 11 e 12 (cf. a divisão de parágrafos em algumas versões). Quanto à distribuição da riqueza, ele diz: **Atenta para a obra de Deus**. De acordo com a sua provisão, Ele coloca o dinheiro nas mãos de poucos, mas a sabedoria está ao alcance de todos. **Aquilo que é torto não se pode endireitar** é uma metáfora que revela a soberania de Deus (cf.1.15). Qualquer coisa que for dada por Ele, é sabedoria para o homem **no dia da prosperidade**, para que goze **do bem** (14) e **no dia da adversidade**, para que leve em consideração. A expressão **para que o homem nada ache que tenha de vir depois dele** significa: "para impedir que o homem saiba o que vai acontecer" (Moffatt).

"Deus entrelaça suas provisões, e encobre suas provisões, para que, incapazes de enxergar o futuro, possamos aprender a depositar nossa confiança nele em vez de em qualquer bem terreno [...] Por conseqüência, torna-se necessário ao homem [...] aceitar tanto o torto como o reto, o mal como o bem, da mão de Deus, e confiar nele em tudo quanto suceder".[11]

5. *Evite o Farisaísmo e a Perversidade* (7.15-18)

O argumento dessa passagem dá suporte a um ponto de vista situado entre, por um lado, o legalismo moral e, por outro, a licenciosidade moral de propósito. Trata-se de um juramento a favor da sabedoria dentro de um julgamento ético. *Qoheleth* apresenta como premissa no versículo 15 que recompensas justas para os que praticam o bem ou o mal não são evidentes nesta vida: **um justo** [...] **perece e um ímpio prolonga os seus dias**. Os versículos 16 e 17 se referem aos que são "inflexivelmente devotos", aos demasiadamente sábios e aos extremamente perversos. Já que o homem não tem a sabedoria de Deus ele é aconselhado a moderar seu julgamento e suas ações. **Não sejas demasiadamente justo** (16) se refere ao tipo de virtuosismo farisaico que nosso Senhor tanto condenou (cf. Mt 5.20; Lc 5.32).[12] O **demasiadamente sábio** é aquele que aspira uma sabedoria absoluta que não tolera qualquer diferença de opiniões. Extremos desse tipo destroem a influência de alguém para o bem e são desagradáveis a Deus.

Acerca de **não sejas demasiadamente ímpio** (17) Clarke comenta: "Não multiplique a maldade, não acrescente a oposição direta à religiosidade ao restante dos seus crimes. Por que você iria provocar a Deus para que este o destruísse antes da hora?".[13]

Depois de todos esses conselhos de precaução, *Qoheleth* reconhece que um homem precisa dar um passo à frente quanto ao certo e errado. **Bom é que retenhas isso** (18, retidão). Rankin explica o versículo 18c desta maneira: "Aquele que teme a Deus irá cumprir suas tarefas em qualquer circunstância ou 'irá preservar uma atitude digna' (Odeburg) perante todos os homens".[14]

6. *Seja Sábio, mas Lembre-se de que Você é Humano* (7.19-20)

Estes versículos resumem e ajudam a fundamentar o seguinte argumento, i.e., a sabedoria é boa, mas nenhum homem é perfeito. **A sabedoria fortalece o sábio** (19) "mais do que [ele poderia ser fortalecido por] dez governadores ou generais corajosos que estão na cidade" (AT Amplificado). A tradução do versículo 20 na ARC dá a entender que existe base para a doutrina da necessidade de o homem pecar. Tal base não está presente no hebraico. Acerca de uma passagem paralela que vem dos lábios de Salomão em 1 Reis 8.46, Clarke escreve: "O original [...] *ki yechetu loch* [...] deveria ser traduzido por SE eles pecarem contra Ti [...] *ki ein Adam asher lo yecheta*, pois não existe nenhum homem que TALVEZ não peque, i.e., não existe [...] nenhum que não seja suscetível a transgredir".[15] Além do mais, o termo **peque** talvez não se refira aqui ao pecado no sentido de "uma violação deliberada da vontade de Deus". Rankin interpreta o versículo assim: "Não existe um homem absolutamente bom, um homem sem nenhuma falta moral".[16]

7. *Ignore Críticas Injustas* (7.21-22)

O conselho sábio aqui é: não se chateie por todas as coisas que você escuta; você pode ter certeza de que algumas pessoas vão criticar o que você diz e faz; apenas lembre isto: **o teu coração também já confessou muitas vezes que tu amaldiçoaste a outros**. "Examinemos quanta verdade existe nas fofocas a nosso respeito; examinemos a nós mesmos em vez de imitar os fofoqueiros" (Berkeley, nota de rodapé). Existe um grande encorajamento em lembrar o que a Bíblia reivindica a respeito de julgamentos injustos — "E o SENHOR o ouviu" (Nm 12.2). Se Ele ouviu, e se nós pertencemos a Ele, não precisamos nos preocupar a respeito disso.

8. *Lembre-se de que Você não é Onisciente* (7.23-24)

Tudo isso (23) se refere às questões que acabaram de ser comentadas. *Qoheleth* tinha tentado sinceramente "ver a vida de maneira constante e na sua totalidade", mas ele foi obrigado a admitir suas limitações. Moffatt apresenta uma tradução criteriosa: "Eu achei que tinha me tornado sábio, mas a sabedoria permaneceu fora do meu alcance. A realidade está adiante de mim; é profunda, muito profunda, e ninguém pode colocar suas mãos no coração das coisas". O tema é lembrado novamente em 8.16-17 (cf. Jó 11.7-8). "Ainda que a sabedoria que é essencial para a nossa salvação seja adquirida rapidamente, por meio do ensino do Espírito da sabedoria, mesmo assim na própria sabedoria existem níveis e profundidades que ninguém consegue alcançar ou penetrar".[17]

9. *Lembre-se do Mal no Homem* (7.25-29)

O autor nos lembra novamente da sua investigação meticulosa: **Eu apliquei o meu coração para saber** (25). Ainda que seja impossível examinar as profundezas da realidade definitiva (23-24), podemos saber com certeza que a **impiedade** é **loucura**, e **os desvarios** são **doidice**. O pior na maldade da vida *Qoheleth* encontra na mulher que usa seus encantos para escravizar um homem. Ela é **mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração são redes e laços, e cujas mãos são ataduras**. O homem que **for bom diante de Deus** pode, com a ajuda dele, escapar; **mas o pecador virá a ser preso por ela**.

O autor não afirma que todas as mulheres são ruins (cf. 9.9), mas a porcentagem é alta! **Conferindo uma** [...] **com a outra** (27), ou, como nós diríamos, comparando duas a duas, ele chegou a essa conclusão. Ele encontrou **um homem entre mil** [...] **mas uma mulher entre todas estas não achei** (28). Mesmo que o próprio Salomão não seja o autor desse parágrafo, tanto a situação como a disposição do coração se encaixam com ele. Como sua avaliação das mulheres poderia ser diferente? As mil mulheres em sua vida (1 Rs 11.1-4) eram apenas seus brinquedos e fantoches. Como elas poderiam reagir diferentemente do que usar seu poder de influência que tinham sobre ele? "Tiradas de sua dignidade natural e usadas para satisfazer as necessidades, condenadas a ser brinquedos, treinadas apenas para atender aos sentidos, por que se espantar se elas caíram de seu devido lugar e honra?".[18]

No versículo 29, o autor suaviza o seu castigo de alguma forma ao reconhecer que existe uma tendência ao mal tanto nos homens como nas mulheres — porém **buscou muitas invenções** para fazer o mal (AT Amplificado). Esta é uma das poucas afirmações encontradas na Bíblia quanto à inocência original do homem e sua queda subseqüente (cf. Berkeley, nota de rodapé).

C. APRENDENDO A LIDAR COM UM MUNDO IMPERFEITO, 8.1-17

1. *Ajustando-se ao Inevitável* (8.1-9)

Esta seção discute a conduta sábia sugerida a quem vive debaixo de um governo absoluto.

a) *Ode à sabedoria* (8.1). O versículo 1 é um pequeno poema de exaltação da sabedoria. Talvez tenha sido um ditado comum na época do autor. A tradução de Moffatt é atraente:

Quem pode ser como um homem sábio?
Quem pode explicar as coisas?
A sabedoria de um homem ilumina seu rosto,
podendo transfigurar até mesmo uma feição áspera.

A relevância desse versículo como introdução desse trecho se torna mais evidente quando "lembramos que o rei foi considerado o homem sábio por excelência, visto que sua função e posição davam acesso aos segredos de Deus".[19]

b) *É sábio obedecer ao rei* (8.2-6). **Eu digo: observa o mandamento do rei** (2) antecipa a orientação de Paulo aos cristãos (Rm 13.1-5). O conselho é o mesmo ainda que as razões não sejam idênticas. **E isso em consideração para com o juramento de Deus** (2) provavelmente significa o juramento de lealdade de alguém ao rei (Barton), embora possa ter o significado que Paulo deu à responsabilidade em obedecer às autoridades civis em virtude da lealdade à vontade de Deus.

Os versículos 3 e 4 são um apelo simples fundamentado na autoridade nua e crua. **Não te apresses a sair da presença dele** (3) é interpretado como: "Não se rebele precipitadamente contra Ele" (Moffatt). **Nem persistas em alguma coisa má** talvez signifique: "Não brinque com coisas adversas, pois Ele faz o que quer" (Berkeley). O versículo 4 diz claramente: "Visto que é a palavra do rei que vale, quem pode dizer a Ele: 'O que estás fazendo?'" (Berkeley). O autor fundamenta seu conselho ao nos lembrar que **Quem guardar o mandamento não experimentará nenhum mal** (5). Diante de circunstâncias impossíveis ou de uma autoridade irredutível, a pessoa faz bem em fazer concessões se não há questões morais envolvidas. É uma oração sábia aquela que diz: "Senhor, me ajuda a mudar o que pode ser mudado; me ensina a aceitar o que não pode ser mudado; e me dá a sabedoria para saber a diferença".

Os versículos 5b e 6 oferecem mais uma razão para a obediência mesmo quando a exigência é injusta. "O coração sábio reconhece que está vindo um tempo de julgamento, ainda que hoje os homens sejam esmagados na miséria sob um governo opressor; para todos existe o tempo de julgamento" (Moffatt).

c) *A vida às vezes não oferece escolha* (8.7-9). O versículo 7 pode ser lido no contexto do precedente. Se entendido dessa forma, significa que a pessoa nunca sabe qual vai ser o próximo passo do tirânico rei (Barton). Mas pode ser considerado também da perspectiva filosófica mais ampla de 3.22 e 6.12, segundo a qual simplesmente não sabemos o que o futuro nos reserva. Esta interpretação se encaixa melhor no versículo 9, em que *Qoheleth* enumera outras situações em que o homem se encontra a mercê de forças que estão fora do seu controle. O homem não possui **domínio** algum **para reter o espírito**[20] (8; "o fôlego de vida", AT Amplificado); **nem há armas** do exército que são disparadas simplesmente de acordo com o desejo do soldado; **nem tampouco a impiedade** será o "escudo dos ímpios" (Moffatt). Estas são as coisas que *Qoheleth* viu e às quais aplicou seu **coração** (9) enquanto contemplava a situação política humana em que "um homem tem poder sobre outro homem para feri-lo" (9, Smith-Goodspeed).

2. *A Luta pela Fé* (8.10-17)

Nos versículos 1-9, o autor tratou da acomodação ao mal e à opressão dos governantes; mas como pode alguém harmonizar a existência desse mal com sua fé em um Deus bom e onipotente?

a) *Uma declaração de fé* (8.10-13). O texto hebraico do versículo 10 é incerto. Na KJV "os perversos" são "esquecidos na cidade"; na RSV, seguindo a mesma idéia da Septuaginta "os perversos [...] foram louvados". Essa idéia se encaixa no contexto, enquanto a KJV é contrária. A ASV preservou tanto a formulação do hebraico como o significado no contexto, traduzindo assim o versículo: "Assim eu vi os perversos sepultados, e vieram ao túmulo; e os que haviam feito o bem saíram do santo lugar e foram esquecidos na cidade; isso também é vaidade". Pois os perversos serem sepultados em honra e os justos serem esquecidos são coisas que violam a ordem moral; mas a fé que *Qoheleth* tem se ergue acima do problema, pelo menos momentaneamente.

O versículo 11 menciona um fato amplamente reconhecido. O castigo para o pecado parece chegar tão tardiamente e ainda assim ser algo que acontece tão raramente que os pecadores continuam cantando, não sendo restringidos por medo algum. Mas apesar da contradição das aparências e da atitude descarada dos perversos, o autor declara sua própria fé. **Ainda que o pecador faça mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus, aos que temerem diante dele** [...] **Mas ao ímpio não irá bem** (12-13; cf. Sl 1.1-6). Esta também é a fé expressada por Lowell:

> *A verdade esteja sempre na forca, o errado sempre no trono,*
> *— Mas essa forca ainda vai balançar o futuro, e por trás do obscuro desconhecido*
> *Está Deus na sombra, protegendo os seus.*

Será como a sombra significa que os maus não prolongarão sua vida como uma sombra que cresce rapidamente, se aproximando assim do pôr-do-sol.

b) *Quando a fé vacila* (8.14-15). A bela fé que *Qoheleth* expressou nos versículos 12 e 13 não lhe serve mais como um guia para a vida. A sua mente se volta contra as maldades do versículo 10, e novamente ele se frustra porque os **justos** são recompensados de acordo com **as obras dos ímpios**, e os **ímpios** recebem o que merecem as **obras dos justos** (14). Quando *Qoheleth* se esqueceu de Deus (12-13) e focou sua atenção **sobre a terra** (14), a vida declinou. O máximo que ele podia dizer era: **porquanto o homem nenhuma coisa melhor tem** [...] **do que comer, beber e alegrar-se** (15). Esse é o limite da perspectiva de um homem preso à terra; isso ecoa como um refrão em Eclesiastes (3.22, 5.18). Quando não existe uma fé firme em um Deus justo, há poucos esforços que vão além da busca por uma vida confortável **debaixo do sol**.

c) *Andamos pela fé — se estivermos andando* (8.16-17). A conclusão a que se chega aqui é verdadeira, e é importante que a pessoa não a tenha como a verdade conclusiva da vida. *Qoheleth* declara que, embora um homem estude tanto que **nem de dia nem de**

noite vê [...] **sono nos seus olhos** (16), ainda assim ele não pode compreender o melhor bem da vida — **a obra que se faz debaixo do sol** (17). Isso repete o tema desenvolvido em larga escala em 1.12—2.26, e repetido em 7.23-24. *Qoheleth* rejeita de maneira sábia a conclusão final dos humanistas: "Um homem sábio pensa que está perto de descobrir o segredo, mas nem mesmo ele o encontrará" (Moffatt). Mesmo que por enquanto o autor "não carregue nenhuma lâmpada da revelação em sua mão [...] no momento ele irá confiar na razão e na experiência, e assinalar as conclusões às quais elas o conduzirem quando desamparado por qualquer luz direta dos Céus".[21]

Mas a luz da razão sem qualquer auxílio não brilha longe o suficiente. Se um homem deve andar sem tropeçar, ele deve aceitar a luz adicional da fé na revelação da justiça de Deus (cf. Is 55.6-11). *Qoheleth* possuía o segredo nos versículos 12 e 13, mas deixou que lhe escapasse. Após a razão ter nos mostrado seus limites mais extremos, a fé precisa ir mais longe para iluminar o caminho. O espírito do homem precisa viver por sua fé: "Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim [...] verei a Deus" (Jó 19.25-26).

Os versículos 10-17 podem ser usados como sermão, sendo os itens a, b e c as suas subdivisões.

SEÇÃO IV

AS INJUSTIÇAS DA VIDA NAS MÃOS DE DEUS

Eclesiastes 9.1—10.20

A. PENSAMENTOS A RESPEITO DA MORTE, 9.1-18

1. *A Morte Alcança a Todos* (9.1-3)

O Pregador reconhece que a vida dos **justos, e os sábios,** [...] **estão nas mãos de Deus** (1), mas ele não consegue dizer se isso é bom ou ruim. "Ele irá amá-los? Ele irá odiá-los? Ninguém consegue dizer; qualquer coisa pode acontecer a eles" (1, Moffatt).

A obsessão quase louca de *Qoheleth* com a morte é novamente a paralisia que destrói sua fé. Não importa o que um homem é ou faz, ele morre — **o mesmo sucede ao justo e ao ímpio** (2). As expressões **puro** e **impuro** provavelmente se referem à preservação das práticas cerimoniais, como também ao contraste entre um homem que apresenta sacrifícios e um homem que não o faz. "O homem profano age como o homem cujo juramento é sagrado" (Moffatt).

Este é o mal que há entre tudo (3) provavelmente significa: "Mal como esse não existe nenhum no mundo" (Moffatt). Tal frustração gera o **mal** nos corações dos homens e os preenche com **desvarios** tanto durante **sua vida** como **depois** [que] **se vão aos mortos.** Aqui se encontra o problema de todos aqueles cuja fé não lhes oferece nenhuma visão além da sepultura, mas cuja própria natureza clama por tal fé.

2. *A Morte Parece o Final de Tudo!* (9.4-6)

Em um momento precipitado e desesperado, *Qoheleth* disse que a morte era melhor que a vida (4.1-3). Mas poucos homens com saúde e em sã consciência se posicionarão diante desse assunto com essa postura. *Qoheleth* não o faz. Ele agora declara que **melhor é o cão vivo do que o leão morto** (4)[1] Porque enquanto um homem está vivo, **há**

esperança, e ele também aproveita todos os benefícios de uma vida consciente. **Mas os mortos não sabem coisa nenhuma** (5). "Uma vez tirados da vida, eles não conhecem nada do que se passa **debaixo do sol** (6). Seus dias de provação estão acabados, e ainda assim eles não podem obter nenhuma **recompensa** (5) por viverem uma vida santa; mas também não podem estar expostos a qualquer tipo de castigo por crimes em estado de provação, pois isso acabou".[2]

3. *Aproveite a Vida enquanto Você Pode* (9.7-10)

Aqui o autor repete (cf. 2.24; 3.12,22; 5.18; 8.15) sua filosofia de vida — a filosofia mais elevada normalmente atingível por um homem que não possui fé em um Deus íntegro e em uma vida consciente além da sepultura. **Pão** e **vinho** eram os meios de sustento e diversão aceitáveis. **Pois já Deus se agrada das tuas obras** (7) tem sido interpretado de várias formas como: a) Aproveite a vida porque isso é o que Deus planejou para que os homens fizessem; b) Já que você serve a Deus e Ele aceita suas obras, você pode contar com uma vida satisfatória; c) Já que você não pode saber o querer e os caminhos de Deus, tire o máximo de proveito daquilo que você consegue entender e desfrutar. O terceiro ponto de vista é mais coerente dentro do contexto. **Vestes** [...] **alvas** (8) eram as roupas adequadas para a corte e ocasiões festivas. Óleo na cabeça era um símbolo de alegria (cf. Sl 23.5; 45.7).

Embora a filosofia de *Qoheleth* esteja associada aos aspectos terrenos, ela não incentiva a glutonaria nem a sensualidade; ela simplesmente representa a nossa convivência agradável nas casas de regiões urbanas calmas e pacíficas. Há o bastante para comer, roupas boas e cosméticos, um casamento adequado com **a mulher que amas** (9), e um envolvimento ativo com seu trabalho e *hobbies* — **Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças** (10). Isso é considerado por muitos "a boa vida", mas mesmo nisso existem limitações inoportunas que obrigam o autor a designar isso de **vaidade** [...] **vaidade**. Até mesmo o casamento mais feliz existe apenas durante **os dias** [...] **os quais Deus te deu debaixo do sol,** e nem a profissão nem os *hobbies* vão além da **sepultura, para onde tu vais**.

Existe uma verdade muito séria no versículo 10 mesmo para os cristãos que acreditam na imortalidade. A vida na terra é uma provação que oferece algumas oportunidades que terminam na sepultura. A verdade de Eclesiastes é refletida pelas palavras de Annie Coghill:

> *Trabalhe, pois a noite está chegando...*
> *Quando o trabalho do homem estará terminado.*

O próprio Jesus nos lembra de que nossa limitação de tempo nos proporciona o senso de urgência no cumprimento de nossas tarefas: "Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (Jo 9.4).

4. *Nem mesmo os Sábios Podem Vencer* (9.11-12)

Nos versículos 1 e 2 foi dito que tanto o reto como o sábio estavam sujeitos ao mesmo destino que os maus. *Qoheleth* tratou dos retos (2-10) e agora se inclina a considerar os sábios. Homens zelosos sempre acreditaram que a inteligência e o conhecimento são vantagens na vida, mas *Qoheleth* se encontra numa frustrante rebelião intelectual. Ele

declara que **não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes, a peleja,** [...] **mas que o tempo e a sorte pertencem a todos** (11). O termo **sorte** significa infortúnio, azar. Entre esses infortúnios, o **tempo** (limitado pela morte) é o pior. Até mesmo o mais sábio **não conhece o seu tempo** (12), mas como peixes **que se pescam com a rede** ou **passarinhos que se prendem com o laço,** a morte **cai de repente sobre** ele.

A verdade é que *Qoheleth* estava certo — mas só parcialmente certo. Os velozes vencem mais corridas que os lentos — mas eles não vencem todas as corridas. Existem forças na vida que são submetidas à inteligência e ao poder humano, mas existem elementos afetando o destino humano que Deus reservou para que estivessem debaixo do seu próprio domínio. É nosso dever aprender qual é qual, administrar os elementos que foram colocados sob o nosso controle e aceitar com temor reverente e obediência amorosa as forças que o Deus soberano reservou para si mesmo.

5. *A Sabedoria é Melhor que a Força* (9.13-18)

O próprio *Qoheleth* conhecia o valor relativo da sabedoria, embora tenha expressado o seu argumento a favor da sorte e da morte (11 e 12) de maneira tão vigorosa que alguém poderia não enxergar as qualificações que ele apresenta a seguir. Novamente o nosso filósofo e político lembrou de um incidente histórico no qual o significado foi **grande** (13) para ele (cf. 4.13-16). **Uma pequena cidade** (14) com **poucos** recursos para se defender foi salva do ataque de **um grande rei** porque **vivia nela um sábio pobre** (15). Aqui a sabedoria prova o seu próprio valor. Embora o homem fosse **pobre** e aparentemente não reconhecido como líder, ainda assim as suas sábias sugestões se provaram louváveis por seu povo e ele **livrou aquela cidade pela sua sabedoria**.

Mas o pobre e pessimista *Qoheleth* não consegue deixar um fato heróico e otimista ficar sem mancha; ele tem a necessidade de apontar para "a mosca na sopa" — **ninguém se lembrava daquele pobre homem**. Apesar disso, o valor da sabedoria vence no final: **Melhor é a sabedoria do que a força** (16), mesmo quando **a sabedoria do pobre foi desprezada e as suas palavras não foram ouvidas.**

Ao refletir sobre isso, *Qoheleth* diz que melhores são **as palavras dos sábios** [...] **do que o clamor do que domina sobre os tolos** (17) e também que **melhor é a sabedoria do que as armas de guerra** (18). Os versículos 17 e 18 incluem uma estrofe de quatro linhas que *Qoheleth* compôs ou copiou, pois ela expressa seus pensamentos muito bem. Moffatt a traduz assim:

> *As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais*
> *do que os gritos de quem governa entre festeiros.*
> *Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra,*
> *mas um só errante destrói uma boa estratégia.*

B. SABEDORIA E TOLICE, 10.1-20

1. *Um pouco de Tolice Pode Arruinar uma Vida* (10.1-4)

Embora tratada sob um tópico diferente, esta seção está intimamente ligada ao fim do capítulo 9. O versículo 1 explana a última frase de 9.18. A tradução literal "moscas da

morte" tem conotações impressionantes. Um pecado consegue desfazer muitas coisas boas, e um julgamento infeliz consegue danificar ou destruir por completo a reputação de **sabedoria** e **honra** (1) de uma vida toda.

a) *A natureza da tolice* (10.1-3). O versículo 2 retorna à idéia de exaltação da sabedoria que começou em 1.16-18. O **coração do sábio** (2) é o seu julgamento. A **mão direita** se refere à luz e retidão enquanto que a **esquerda** representa a escuridão e o erro. Até mesmo quando o tolo erra por acaso, **lhe falta entendimento, e diz a todos que é tolo** (3).

Como alguém identifica a falta de sabedoria em si mesmo e em outros? Como é possível corrigi-la? A sabedoria significa o julgamento correto; o julgamento exato inclui o conhecimento dos fatos reais e estabelecer as conexões corretas entre eles. Nenhum homem consegue ser sábio se ele for ignorante ou precipitado em seu julgamento. **E diz a todos que é tolo** talvez queira dizer que as ações e palavras do tolo revelam sua tolice. Se é assim, essa revelação é feita: a) por falar demais e pensar de menos; b) por julgamentos precipitados sem considerar os fatos; c) por ter opiniões firmes e rápidas para cada assunto; e d) por agir como se sempre estivesse correto e os outros sempre estivessem errados. Moffatt traduz assim o versículo 3:

> *Até mesmo na maneira de caminhar o tolo demonstra a sua falta de senso,*
> *pois ele chama a todos de tolos.*

b) *A tolice de uma renúncia precipitada* (10.4). Este versículo examina um instante em particular quando uma pequena tolice pode rapidamente destruir uma vida.

> *Se o temperamento de um líder se levanta contra você,*
> *Não se demita do seu posto,*
> *Pois a serenidade pode prevenir erros sérios* (Berkeley).

O conselho é que se você possui um emprego, e sente que deve mantê-lo, não se demita. Supere a tempestade, espere para decidir, ou deixe a iniciativa e decisão para outros. Esse versículo foi chamado de "sabedoria para o homem submisso" (cf. Pv 10.12; 15.1; 25.15), mas contém as virtudes recomendadas por Aquele que disse: "bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra" (Mt 5.5).

2. *A Tolice e a Sabedoria em Lugares Altos* (10.5-20)

a) *A escolha de líderes incompetentes* (10.5-7). Provavelmente, existe aqui uma progressão muito mais psicológica do que lógica do versículo 4 ao versículo 5. No versículo 4, *Qoheleth* nos preveniu contra a tolice na presença de um líder [ou chefe, ou governador]. Isso lhe sugeriu um momento de tolice **como o erro que procede do governador** (5). Trata-se do mal de designar homens incompetentes para posições que exigem responsabilidade e manter líderes sábios afastados de posições de influência (cf. Pv 19.10; 30.21-22). Este mal também pode existir em sistemas de votação ou em procedimentos de nomeação. Todos aqueles que têm a responsabilidade de escolher líderes sábios deparam com esse problema — pois a sabedoria em líderes é a virtude mais importante. O hebraico dá a entender que esse **mal** muitas vezes não é intencional.[3] Mesmo assim, é um mal.

Aqui, o autor iguala os **ricos** (6) e **príncipes** (7) aos sábios. Naquela época, andar **a cavalo** era um marco de prestígio e honra; e andar (a pé) demonstrava a sina dos homens bons, mas talvez incompetentes.

b) *A sabedoria da ação* (10.8-11). A verdade central desses ditados é que existem perigos em qualquer ação significativa de alguém — fazendo uma **cova** ou rompendo um **muro** (8), removendo **pedras** ou cortando a **lenha** (9). Não obstante, a ação precisa ser realizada (cf. 11.4-6), mesmo quando existem perigos. Esses perigos podem ser evitados basicamente por meio de uma precaução adequada — **A sabedoria é excelente para dirigir** (10). Entretanto, tal sabedoria precisa ser praticada antes de decisões serem tomadas ou ações serem realizadas —

> *Se a cobra picar antes do encanto,*
> *então a habilidade do encantador não o beneficia* (11, Berkeley).

Como se diz, não adianta trancar a porteira depois que o cavalo foi roubado.

Alguns tradutores vêem aqui o castigo adequado para a má ação de se fazer uma cova para enganar alguém, romper um muro para roubar e remover pedras para alterar as linhas que demarcam as divisas. Mesmo que essa interpretação seja possível, ela não se encaixa no contexto.

Vemos novamente que a conexão da passagem com a seção que segue é psicológica. O erro acidental das más escolhas (5-7) propõe uma ampliação da idéia dos perigos latentes principalmente para pessoas com responsabilidades administrativas. O texto hebraico refletido no versículo 11b da ECF parece relacioná-lo aos versículos 12-15 — o "falador" (11) e os "lábios do tolo" (12). A maioria das versões modernas segue a ASV e associa isso aos versículos 8-11: "Então o encantador não traz vantagem alguma" (cf. Berkeley acima).

c) *A natureza da tolice — continuação* (10.12-15). Estes versículos continuam a reflexão a respeito da natureza destrutiva da tolice (cf. vv. 1-3). O versículo 12 é um provérbio tipicamente antitético em que a segunda parte contrasta com a primeira:

> *As palavras que saem da boca do homem sábio são bondosas,*
> *Mas os lábios do tolo o destroem (Smith-Goodspeed).*

Esta seção pode ser uma observação geral da tolice, mas como ela foi colocada entre os versículos 1-11 e 16-20, ela possui uma relevância especial para governantes.

A sabedoria e a tolice são reveladas por meio da fala da pessoa. Um ditado popular diz: "Um tolo pode se passar por sábio se mantiver sua boca fechada; mas assim que ele a abrir, não restará dúvida alguma". O versículo 13 indica uma deterioração progressiva:

> *O princípio das suas palavras é tolice,*
> *E o fim do seu discurso é estupidez perversa* (Berkeley).

No versículo 14, vemos um tema conhecido em Eclesiastes. O tolo não só multiplica as palavras, mas fala de modo infantil a respeito do sentido da vida — **não sabe o**

homem o que será; e quem lhe fará saber o que será depois dele? — o que nem mesmo um homem sábio pode saber. O versículo 15 deu trabalho aos tradutores. A primeira parte parece indicar a confusão que a atitude dos tolos gera para eles próprios: **O trabalho dos tolos a cada um deles fatiga.** A respeito da última parte, Clarke escreve: "Eu creio que isto deve ter sido um provérbio: 'Ele não sabe nada; não conhece nem seu caminho para a vila mais próxima'".[4]

d) *Líderes indignos* (10.16-19). *Qoheleth* se volta do mal geral do homem que é tolo para falar a respeito de uma tragédia mais profunda: as pessoas cujos líderes e governantes são indignos. **Ai de ti, ó terra** (16) é uma forma de maldição às vezes encontrada na literatura da sabedoria (cf. 4.10), e muitas vezes nos livros dos profetas (e.g., Is 5.8-23; Jr 50.27; Os 7.13; Am 6.1).[5] **Cujo rei é criança** foi interpretado literalmente, mas o significado provavelmente é mais amplo, incluindo os governantes irresponsáveis que agem como crianças. Festejar **de manhã** significa transformar o dia em confusão (cf. Is 5.11; At 2.15), e colocar o prazer pessoal acima do dever oficial. A manhã era o horário em que a justiça nas cortes do Oriente geralmente era executada (Jr 21.12).

O versículo 17 é um contraste com o versículo 16 e demonstra um uso da bem-aventurança (bênçãos) comum na literatura sapiencial (cf. Sl 1.1; Pv 3.13; 8.34). A expressão **filho dos nobres** dá a impressão de estar dando igual valor tanto aos bem-nascidos como aos capazes. Entretanto, ela pode possuir um significado que vai além do literal, isto é: "um filho de nobres — não apenas no sangue, mas na virtude, na verdadeira nobreza".[6] A segunda metade do versículo tem sido traduzida como: "E seus oficiais se divertem na hora adequada, para ter força, e não para se embriagar!" (AT Amplificado).

Os versículos 17-19 aparentam ser três provérbios que ou foram criados ou usados por *Qoheleth* para embasar sua argumentação a respeito dos governantes. No versículo 18, governantes insensíveis são condenados por deixarem o estado cair em ruínas. Talvez haja uma brincadeira nas palavras do versículo 18b: *Mãos caídas constroem uma casa caída*, sendo as mãos caídas um sinônimo de preguiça (Barton; cf. Pv 10.4).

No versículo 19 são detalhadas as conseqüências das atitudes que arruínam os governantes. Talvez o grau de maldade aumenta na seqüência da lista:

> *Os homens celebram por pura diversão,*
> *e bebem para a sua alegria —*
> *e o dinheiro resolve tudo!* (Moffatt).

e) *Até mesmo o governo ruim possui valor* (10.20). Este pode ser simplesmente um aviso de prudência — **Nem no teu pensamento amaldiçoes o rei,** nem **o rico** (os que detêm autoridade). É possível que o conselho seja apenas para mantê-lo fora de encrencas. A conversa negligente [despreocupada] é perigosa e consegue chegar aos ouvidos a respeito de quem conversamos. Era comum os anciãos acharem que os pássaros possuíam algum tipo de poder sobrenatural. Este pode ter sido o provérbio original: **as aves dos céus levariam a voz.** Cf. nossa expressão acerca da comunicação misteriosa: "um passarinho me contou".

Mas se formos um pouco além da interpretação acima, pode ser que haja mais do que prudência aqui. Em outros lugares, *Qoheleth* encoraja o apoio ao governo estabelecido (8.1-5). Isso está de acordo com o ensinamento do Novo Testamento (Rm 13.1-7).

SEÇÃO V

COMO MELHOR INVESTIR NA VIDA

Eclesiastes 11.1-8

Qoheleth está se aproximando do fim de sua exploração sobre o significado e propósito da vida. Freqüentemente ele deparou com frustrações e muitas vezes se acomodou ao pessimismo e à mediocridade, mas suas conclusões finais são otimistas e de muito valor.

A. SEJA GENEROSO, 11.1-3

O autor já lidou com a vida egocêntrica antes (5.10-12; 6.1-6). Não compensa; por isso, viva de maneira generosa. A vida é incerta e grande parte dela não está sob o nosso controle; mesmo assim, a generosidade e a disposição para ajudar são melhores do que o egoísmo. **Lança o teu pão sobre as águas** (1) é uma metáfora. Alguns estudiosos a explicariam como semear grãos de arroz de um barco em águas rasas de um campo alagado. Outros a associam aos negócios — entregar o seu grão para o transporte arriscado no Mediterrâneo. Em qualquer uma das interpretações fica claro o risco tanto quanto a promessa de uma vida generosa — investimentos baseados nas leis de Deus de semeadura e colheita. O Targum entende isso como dar pão aos pobres marinheiros.[1] O versículo 2 é melhor entendido como uma exortação adicional a respeito do compartilhamento generoso. **Reparte com sete e ainda com oito** é um jeito prático de dizer: compartilhe com muitos. Mesmo que você não saiba **que mal sobrevirá à terra,** viver generosamente é muito melhor do que uma vida de egoísmo.

O versículo 3a talvez sugira a generosidade de Deus como uma nova motivação para a vida altruísta (cf. Mt 5.44-45). **Caindo a árvore** [...] **aí ficará** (3b) sugere claramente o elemento do destino inescapável. Mas o contexto do capítulo inteiro sugere que aqui *Qoheleth* esteja falando dos resultados inevitáveis das escolhas humanas. O tipo de vida que você leva determina o tipo de pessoa que você será. O julgamento final de Deus e a realidade da vida na fase adulta e da velhice levam a pessoa a tomar as decisões corretas já desde a juventude (cf. capítulo 9 e 12.1).

Alguns intérpretes entendem os versículos 1-3 como sendo os únicos conselhos econômicos prudentes em um mundo incerto e difícil. Mas aceitar esse ponto de vista isola a passagem do conselho espiritual de 11.7—12.7.

B. SEJA DILIGENTE NO TRABALHO, 11.4-6

Aqui *Qoheleth* resume um tema já visto em 10.8-9. A boa vida requer decisão e ação. Existem incertezas e perigos, mas aquele que espera pela sabedoria completa e a segurança perfeita nunca irá sofrer riscos. **Quem observa o vento,** isto é, espera até que não haja nenhum vento para atrapalhar até mesmo o espalhar de suas sementes, **nunca semeará** (4). Também, **o que olha para as nuvens** — para ter certeza de que suas sementes, quando cortadas, não se molhem[2] — **nunca segará** [colherá].

No versículo 5, somos lembrados de que sempre existem fatores que são do exclusivo conhecimento de Deus em qualquer decisão que tomemos. O significado do **caminho do vento** deve ser fornecido pelo contexto, visto que a palavra pode significar "espírito" ou "vento". Muitos tradutores modernos a definem como "vento" e a relacionam ao versículo 4. Moffatt o transforma em poesia:

> *Assim como você não sabe para onde sopra o vento,*
> *nem como um bebê cresce no ventre,*
> *assim você não pode saber como Deus trabalha,*
> *Deus que está em tudo.*[3]

O conselho do versículo 6 é um resumo claro tanto da conclusão como do raciocínio:

> *Pela manhã semeie seus grãos,*
> *E até a noite não dê descanso às suas mãos,*
> *Pois você não sabe o que vai prosperar, isso ou aquilo,*
> *Ou se ambos se sairão bem (Smith-Goodspeed).*

C. SEJA ALEGRE, 11.7-8

Ainda há pouco *Qoheleth* disse que a morte era melhor que a vida (4.2-3). Mais tarde ele admite que a vida é melhor que a morte (9.4). Agora ele reconhece que a vida pode ser ao menos uma alegria menor: **Verdadeiramente suave é a luz, e agradável é aos olhos ver o sol** (7). Um homem deve viver alegremente sua vida inteira, mas deve lembrar que não vai viver aqui para sempre. Aqui a vida chega a um fim, e *Qoheleth* tem poucas expectativas da vida além da sepultura. Permita-se que um homem "considere os dias de sua escuridão, pois haverá muitos. Tudo que vem é futilidade e nulidade" (8, Berkeley).

No capítulo 11, existe uma "Mensagem para o jovem": 1) Viva generosamente, versículos 1-3; 2) Viva de maneira diligente no trabalho, versículos 4-6; 3) Viva alegremente, versículos 7-10; 4) Viva com a perspectiva do amanhã, versículos 3b, 8b e 9b.

SEÇÃO VI

VENDO A VIDA POR COMPLETO

Eclesiastes 11.9—12.14

Nesta seção final, *Qoheleth* apresenta uma afirmação resumida das conclusões obtidas em sua busca pelo significado da vida. Ele ainda é um pessimista, mas ao menos tem em vista todos os elementos necessários — juventude, velhice, morte e a responsabilidade do homem de "temer a Deus e obedecer aos seus mandamentos".

A. A VIDA TERRENA EM PERSPECTIVA, 11.9—12.8

1. *Juventude, Morte e a Responsabilidade Final diante de Deus*, 11.9—12.8

A sabedoria requer que todos os fatos sejam considerados de maneira correta para se chegar a uma conclusão. Os fatos da vida são a) as energias e alegrias da juventude, b) o declínio inevitável das energias na velhice, c) a certeza da morte e d) a prestação de contas a Deus pela administração da vida. Os valores mais altos da vida precisam ser definidos com base nessa perspectiva dos fatos.

Na juventude as energias e alegrias são tão reais que chega a ser difícil considerar os outros três fatores; por isso, o Pregador precisa dar o conselho de Deus. As pessoas podem e devem aproveitar a vida. **Alegra-te, jovem, na tua mocidade,** [...] **e anda pelos caminhos do teu coração** (9). Hendry escreve que as pessoas deveriam aceitar a juventude com suas bênçãos e oportunidades, com o reconhecimento sóbrio de que tanto a juventude como a idade estão sujeitos aos desígnios de Deus".[1] Mas, além disso: **sabe, porém, que por todas essas coisas te trará Deus a juízo**. Karl Barth nos lembra de que existe "o grande Mas" no qual o plano revelado de Deus para a provação do homem é cristalizado.[2] Por essa razão, o conselho mais importante da vida é este: **Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade** (12.1). **A adolescência e a**

juventude são vaidade (11.10) simplesmente significa que elas não duram para o resto da vida. Elas são fúteis apenas no sentido de que não são a última etapa.

Adam Clarke sugere a seguinte exposição dessa seção: 1) Você não pertence a si mesmo; 2) Lembre-se do seu Criador; 3) Lembre-se dele nos dias da sua mocidade; 4) Lembre-se dele agora.[3]

2. *Idade Avançada* (12.1b-5)

Os maus dias (1) aqui se referem à velhice, não à morte, como no capítulo 11.8. O mal desses dias está na sua miséria e limitações (cf. 2 Sm 19.33-35). **Não tenho neles contentamento** se refere às experiências anteriores da vida que ofereciam alegria. Em toda literatura ninguém retratou de maneira tão comovente a velhice. Aqui de fato está "a música da mortalidade". O texto é obscuro em alguns lugares, e a linguagem é a imagem do poeta. Não se tem concordância de interpretação em relação a algumas frases, mas o significado está claro e é maravilhoso em quase todas as traduções.

A velhice é vista como um tempo de luz efêmera e de dias escuros de inverno. **As nuvens** (2) dão a entender depressão e **a chuva** pode ser entendida como lágrimas. (AT Amplificado). "O esplendor e a alegria, o calor e os raios de sol, se esvaíram".[4] **Os guardas da casa** (3) são os braços que se enfraquecem e as mãos que tremem. **Os homens fortes** são as pernas que se curvam com a idade. **Os moedores** são uma figura retórica para os dentes. A tradução literal é: "criadas moedoras"; é uma referência ao costume do Oriente segundo o qual os grãos eram moídos pelas mulheres. A expressão **se escurecerem os que olham pelas janelas** é uma referência aos olhos que já não enxergam.

Rankin[5] interpreta todo o versículo 4 como um processo de surdez. Assim **as janelas** seriam os ouvidos[6] que, quando fechados, deixam para fora os sons **da rua.** O **ruído da moedura** é o som habitual da vida na casa. A **voz das aves** é como soa a voz do surdo: aguda e parecida com a dos pássaros.[7] Para o surdo "todas as notas de uma música ficam mais fracas" (Smith-Goodspeed).

No versículo 5, a imagem da casa é deixada de lado, mas a descrição da velhice continua. **O que está no alto** descreve o temor em relação às alturas por causa da instabilidade, tontura ou brevidade da respiração. **Espantos no caminho** é uma referência aos perigos de uma caminhada devido à falta de agilidade e risco de quedas. A **amendoeira** florescente (aberta em flores brancas) é uma figura de linguagem poética para os cabelos grisalhos. **O gafanhoto for um peso** é geralmente interpretado como se até mesmo um objeto pequeno fosse difícil de ser carregado.[8] **Perecer o apetite** é traduzido de maneira mais literal como: "o negociante de bagas é ineficiente" (Smith-Goodspeed). No tempo de *Qoheleth*, essa baga [tipo de fruto carnoso e comestível] era usada para estimular o desejo sexual; por essa razão, a versão *Berkeley* diz que "o desejo do homem se vai" (nota de rodapé). Um significado mais amplo, e um fato real da vida, é sugerido pela ARC, isto é, que todos os apetites naturais já não são tão intensos como no início da vida. Moffatt convenientemente conclui essa descrição do período final da vida da seguinte forma:

> *Então o homem vai para o seu longínquo, longínquo lar,*
> *e pranteadores passam pela rua.*

Mas devemos nos lembrar de algumas coisas que *Qoheleth* não incluiu. Atkins expressa a sua conclusão de forma muito interessante: "Se a velhice não for perseguida por fantasmas demais como remorsos e medos, pode ser um tempo gracioso de tranqüilidade, com os tesouros das lembranças, a recompensa dos filhos dos filhos, a abençoada camaradagem da mente e do espírito — e do descanso. Como um fim de tarde num dia de verão, quando as nuvens já cobriram quase todo o céu, mas a luz ainda tarda mais um pouco, e ainda se ouvem algumas notas musicais dos pássaros nas copas das árvores, e esse crepúsculo é paz. Pode ser de fato mais do que isso; pode ser a estação para ceifar e armazenar a última colheita da vida.[9]

3. *A Morte Faz Parte da Vida* (12.6-8)

Tão certo como a manhã que vem após a noite, a morte vem após a velhice. E mesmo que o raciocínio do versículo 6 venha naturalmente do versículo 5b, o conectivo **antes** (6) remete ao versículo 1: Lembre-se do seu Criador **antes que se quebre a cadeia de prata.** A imagem do **copo de ouro** talvez venha dos móveis do templo, onde esse recipiente continha o óleo que mantinha acesa a chama das lâmpadas dos castiçais (cf. Zc 4.2-3). No entanto, aqui a imagem é de um **copo de ouro** suspenso por uma **cadeia** [um cordão] **de prata**. O cordão é cortado; o copo cai e se quebra ("se despedaça"). As duas figuras seguintes representam a vida como um instrumento essencial para a continuação da existência. É um **cântaro**, sem o qual ninguém pode beber da **fonte,** e uma **roda** sem a qual ninguém consegue tirar água do **poço**.

Todas essas metáforas representam a vida terrena como algo que termina subitamente e que não tem a possibilidade de ser recuperado — o cordão é cortado; o copo despedaça, o cântaro e a roda estão quebrados. Agora *Qoheleth* medita a respeito do que a Bíblia diz sobre a criação do homem (cf. Gn 2.7): **e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu** (7). Pela última vez, Eclesiastes dá o seu parecer a respeito da vida que um homem acredita terminar na sepultura: "Completamente fútil [...] tudo é fútil!" (8, Moffatt).

Nos versículos 1-7, encontramos uma advertência divina: **Lembra-te do teu Criador.** 1) Lembre-se dele nos dias da sua juventude, 1; 2) Lembre-se dele antes que os dias da velhice venham, 2-5; 3) Lembre-se dele antes que você seja chamado para se encontrar com Deus, 6 e 7.

B. A VIDA À LUZ DA ETERNIDADE, 12.9-14

Os versículos finais são uma recomendação do autor e um resumo de suas idéias. Alguns intérpretes concluem que eles foram adicionados por algum discípulo, mas uma hipótese como essa não é necessária. Não existe mudança alguma no vocabulário ou no estilo;[10] e outros autores inspirados aprovaram este conselho, que eles próprios defenderam (cf. 1 Co 7.25).

1. Qoheleth *como Professor* (12.9.12)

O Pregador (9) não era apenas **sábio** mas também procurou ser um professor — para compartilhar sua sabedoria com outros. A expressão **quanto mais** [...] **tanto**

mais sugere que o autor escreveu outros provérbios que não estão neste livro: "Ele escreveu, e escolheu e organizou muitos provérbios" (Smith-Goodspeed). A frase **Procurou o Pregador achar palavras agradáveis** (10) demonstra a preocupação do autor com seu estilo. Ele sabia que "como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo" (Pv 25.11). Mas como um verdadeiro homem de Deus, **o Pregador** nunca deixou que seu estilo confundisse a transmissão de sua mensagem; o que ele escrevia eram **palavras de verdade**. Estas palavras eram **como aguilhões, e como pregos;** isto é, elas possuíam "uma brevidade penetrante [...] uma influência estimulante e minuciosa"[11] (cf. Hb 4.12). **Mestres das congregações** é melhor traduzido como "coleção de ditos" (cf. NVI, Berkeley, AT Amplificado). "A expressão **único Pastor** se refere não a *Qoheleth* ou a Salomão, mas a Deus, o manancial da sabedoria".[12] Visto que essas palavras foram dadas sob inspiração divina, o autor segue com total convicção para a sua exortação: **E, de mais disso, filho meu, atenta** (12). Muitos **livros** foram escritos e muito estudo foi dedicado para se descobrir o sentido da vida. Mas longe da revelação, esses livros apenas levam ao **enfado** [...] **da carne**. O homem de Deus reconhece a importância do intelecto (9.17-18), mas ele também está ciente de suas limitações (8.17).

2. *A Resposta de Deus à Busca do Homem* (12.13-14)

O estado de espírito com o qual Eclesiastes termina é o seguinte: O que já foi escrito é o suficiente, assim, vamos descobrir o propósito **de tudo o que se tem ouvido** (13). Esta declaração fala claramente da revelação divina. Existe um **Deus** no céu ao qual o homem deve temer. Ele nos deu seus mandamentos, os quais espera que nos esforcemos em guardar, **porque este é o dever de todo homem** — e todo o dever do homem (cf. ASV, nota de rodapé).

Deus é um Deus santo, e Ele está preocupado com a santidade ética dos homens. Ele vai **trazer a juízo toda obra** (14) — até mesmo **tudo o que está encoberto**. Cada ato e cada pensamento do homem, tudo vai ser julgado tendo como base se foi **bom** ou **mau**.

Qoheleth apresenta a busca pelo maior bem do homem. Como sempre, sua melhor resposta, baseada apenas neste mundo, é: viva da maneira mais confortável possível. Mas mesmo neste mundo a realização de objetivos dignos é melhor do que o mero conforto.

Não é o divertimento, e não é o sofrimento,
O caminho ou o fim que nos foi destinado;
Mas agir, para que cada amanhã
Nos encontre mais longe do que hoje.[13]

Jesus nos conta que tanto o nosso conforto como o nosso empenho encontram seu significado e seu lugar no fato de comprometermos toda a nossa vida a Deus. **Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas** (Mt 6.33).

Notas

INTRODUÇÃO

[1] *Know Your Old Testament* (Kansas City, Mo.: Beacon Hill Press, 1947), pp. 149-50.

[2] *An Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950), p. 340.

[3] "Ecclesiastes", *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson, *et al.* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), pp. 338-39.

[4] *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1964), pp. 465-66. Veja aqui sua explicação a respeito da estrutura lingüística peculiar de Eclesiastes.

[5] "Ecclesiastes", *The International Critical Commentary*, ed. C. A. Briggs, *et al.* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1908), p. 162.

[6] *The Book That Is Alive* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1954), p. 30.

[7] *Op.* cit., pp. 460-62.

SEÇÃO I

[1] A tradução grega do AT, muitas vezes abreviada por LXX.

[2] Gaius Glenn Atkins, "Ecclesiastes" (Exposition), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, et al. (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951), V, p. 32.

[3] Quem se entrega ao vinho, e mesmo assim conduz o seu coração com sabedoria, talvez vai iludir-se a si mesmo da mesma forma que faz isso ao pensar que pode servir tanto a Deus quanto a mamom" (Matthew Henry, *Commentary on the Holy Bible* [Chicago: W. P. Blessing Company, s.d.], Vol. III, *ad loc.*).

[4] A segunda metade do versículo 12 é uma explicação posterior como o conselho para o benefício de outros que poderiam procurar a satisfação em ganhos pessoais: Se o rei Salomão, com seus recursos, não o conseguiu com seus esforços, qual seria a possibilidade de homens mais comuns o conseguirem?

[5] *Cato*, Ato V, Sc. 1.

[6] *The Holy Bible with a Commentary and Critical Notes* (Nova York: Abingdon-Cokesbury, s.d.), Vol. III, *ad loc.*

SEÇÃO II

[1] Cf. a forma poética em Berk, RSV, *et al.*

[2] *Op. cit*, p.43.

[3] Cf. O. S. Rankin, "Ecclesiastes" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1956), V, p. 44, acerca de uma interpretação rabínica diferente do versículo 5.

[4] *The Berkely Version*, nota de rodapé, *loc. cit.*

[5] "Em uma manhã gelada na fazenda é comum verificar o fôlego das pessoas e dos animais; o primeiro subindo, o outro descendo, como o 'Pregador' o descreve. Talvez ele tenha visto um sinal do destino final da alma boa — o céu" (Berk., nota de rodapé, *loc. cit.*).

[6] *Op. cit.*, pp. 53-54.

[7] *Ibid.*, p. 54.

[8] *Op. cit.*, p. 596.

[9] G. S. Hendry, *op. cit.*, p.542.

[10] O. S. Rankin, *op.* cit., p.57.

[11] Ibid., p.58.

[12] O. S. Hendry, *op. cit.*, p. 542.

[13] Matthew Henry, *op. cit.*, p.600.

[14] J. Coert Rylaarsdam, "The Proverbs, Ecclesiastes, The Song of Solomon", *The Layman's Bible Commentary,* Vol. X, ed. Balmer H. Kelly, *et al.* (Richmond, Va.: John Knox Press, 1964), p. 114.

[15] *Ibid.*, pp. 114-15.

SEÇÃO III

[1] George A. Barton, *op cit.*, p. 130.

[2] Tayler Lewis, *Commentary on the Holy Scriptures,* ed. John Peter Lange, trad. Philip Schaff (Grand Rapids Mich.: Zondervan Publishing House, s.d.), p.100.

[3] Citação de O. S. Rankin, *op. cit.*, p. 62.

[4] AT Ampl. (12), nota de rodapé.

[5] *Op. cit.*, p.59.

[6] Adam Clarke, *op. cit.*, p. 822.

[7] Normalmente, o combustível usado era o esterco de vaca ressecado e que demorava a queimar. Produzia um calor eficaz, ao contrário dos espinheiros secos que queimavam só durante poucos minutos.

[8] Tayler Lewis, *op. cit.*, p. 106.

[9] *Op. cit.*, p. 605.

[10] *Op. cit.*, p.823.

[11] Samuel Cox, "Ecclesiastes", *The Expositor's Bible* (Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1903), p. 199.

[12] "Não se pode supor, exceto por aqueles que são totalmente alheios à natureza da verdadeira religião, que um homem tenha *santidade em excesso, ou vida de Deus em excesso em sua alma!*" (Adam Clarke, *op. cit.*, p. 824).

[13] *Ibid.*

[14] *Op. cit.*, p.67

[15] *Op. cit.*, II, p. 416.

[16] *Op. cit.*, p. 66.

[17] Adam Clarke, *op. cit.*, p. 824.

[18] Samuel Cox, *op. cit.*, p. 204.

[19] J. Coert Rylaarsdam, *op. cit.*, p. 121.

[20] Alguns traduzem por "reter o vento" (Smith-Goodspeed e Moffatt). ASV e RSV seguem a KJV em fazer uma construção paralela com o "poder sobre o dia da morte".

[21] Samuel Cox, *op. cit.*, p. 230.

SEÇÃO IV

[1] "Essa é uma frase reveladora para nós que sentimos as nossas próprias imperfeições; estamos vivos; podemos realizar aquilo que os maiores pensadores e realizadores, agora mortos, não podem realizar agora na terra" (Berk., nota de rodapé).

[2] Adam Clarke, *op. cit.*, p. 829.

[3] Cf. Barton, *op. cit.*, p. 170; também Moffatt e Smith-Goodspeed.

[4] *Op. cit.*, p. 833.

[5] Rylaarsdam, *op. cit.*, p. 128.

[6] A. R. Fausset, *A Commentary Critical and Explanatory on the Old and New Testaments*, Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown (Grand Rapids Mich.: Zondervan Publishing House, um vol., s.d.), p. 412.

SEÇÃO V

[1] Adam Clarke, *op. cit.*, p. 834.

[2] Barton, *op. cit.*, p. 183.

[3] Cf. RSV e Smith-Goodspeed acerca de uma interpretação alternativa.

SEÇÃO VI

[1] *Op. cit.*, p. 545.

[2] *Op. cit.*, p. 836.

[3] Citado por Hendry, *ibid.*

[4] Rankin, *op. cit.*, p. 84.

[5] *Ibid.*, p. 85.

[6] Com base em figuras retóricas do AT, alguns intérpretes entendem **as portas** como uma referência a "lábios" (cf. Sl 141.3; Mq 7.5).

[7] Outros relacionam essa frase à falta de sono dos mais velhos que têm a tendência para "acordar com as galinhas".

[8] Adam Clarke, ao contrário, observa: "Mas provavelmente as palavras se refiram ao próprio homem que, com seu lombo inclinado, e seus braços dependurados, exibe algumas características do animal [inseto] em pauta" (*op. cit.*, p. 337).

[9] *Op. cit.*, p. 84.

[10] Hendry, *op. cit.*, p. 546.

[11] Lewis, *op. cit.*, p. 167.

[12] Rankin, *op. cit.*, p. 87.

[13] H. W. Longfellow, "A Psalm of Life".

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

ATKINS, Gaius Glenn. "Eclesiastes" (Exposição). *The Interpreter's Bible.* Ed. George Buttrick, *et al.* Vol. V. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1956.

BARTON, George A. "Eclesiastes". *The International Critical Commentary.* Ed. C. A. Briggs, *et. al.* Nova York: Charles Scribner's Sons, 1908.

CLARKE, Adam. *The Holy Bible with a Commentary and Critical Notes.* Vol. III. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.

Cox, Samuel. "Eclesiastes". *The Expositor's Bible.* Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1903.

Fausset, A. R. *A Commentary Critical and Explanatory on the Old and New Testaments,* Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House. Um vol., s.d.

Hendry, G. S. "Eclesiastes". *The New Bible Commentary.* Ed. F. Davidson, *et al.* Grand Rapids, Mich.: Wm. Eerdmans Publishing Co., 1953.

Henry, Matthew. *Commentary on the Holy Bible.* Chicago: W. P. Blessing Co. Vol. III, s.d.

Lewis, Tayler. "Ecclesiastes". *Commentary on the Holy Scriptures.* Ed. John Peter Lange. Tradução. Philip Schaff. Grand Rapids Mich.: Zondervan Publishing House, s.d.

Rankin, O. S. "Eclesiastes" (Exegesis). *The Interpreter's Bible.* Ed. George A. Buttrick, *et al.* Vol. V. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1956.

Rylaarsdam, J. Coert. "Proverbs, Ecclesiastes, The Song of Solomon". *The Layman's Bible Commentary.* Vol. X. Ed. Balmer H. Kelly, *et. al.* Richmond, Va.: John Knox Press, 1964.

II. OUTROS LIVROS

Archer, Gleason L., Jr. *A Survey of Old Testament Introduction.* Chicago: Moody Press, 1964.

Peterson, John. *The Book That Is Alive.* Nova York: Charles Scribner's Sons, 1954.

Purkiser, W. T., et. al. *Exploring the Old Testament.* Kansas City, Mo.: Beacon Hill Press, 1955.

_____. *Know Your Old Testament.* Kansas City, Mo.: Beacon Hill Press, 1947.

Rylaarsdam, J. Coert. *Revelation in Jewish Wisdom Literature.* Chicago: The University of Chicago Press, 1946.

Young, Edward J. *An Introduction to the Old Testament.* Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950.

Comentário Bíblico Beacon

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0687-1
9 788526 306875

3

Jó a Cantares de Salomão

Milo L. Chapman
W. T. Purkiser
Earl C. Wolf
A. F. Harper